

Neide Hissae Nagae e  
Olivia Yumi Nakaema  
(Organizadoras)

# **KONJAKU MONOGATARISHŪ: NARRATIVAS ANTIGAS DO JAPÃO**

22 narrativas budistas selecionadas  
por Luiza Nana Yoshida

Ilustrações de Erika Gushiken

GRUPO DE PESQUISAS DE TRADUÇÃO JAPONÊS-PORTUGUÊS USP



ISBN: 978-85-7506-318-7  
DOI: 10.11606/9788575063187

Neide Hissae Nagae e  
Olivia Yumi Nakaema  
(Organizadoras)

*KONJAKU MONOGATARISHŪ*: NARRATIVAS  
ANTIGAS DO JAPÃO

FFLCH/USP  
São Paulo, 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Chefe: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Vice-Chefe: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras

Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa

JAPAN FOUNDATION   
SÃO PAULO



CEJAP  
Centro de Estudos Japoneses  
FLCH/USP

# *Konjaku Monogatari*shū: narrativas antigas do Japão

Organização: Neide Hissae Nagae e Olivia Yumi Nakaema  
Revisão de Textos: Rafaella Denise Lobo Pastana  
Diagramação: Simonia Fukue Nakagawa MTb 0010837/PR  
Ilustração: Erika Gushiken  
Caligrafia: Takeshi Suzuki

Grupo de Pesquisas de Tradução Japonês-Português USP  
Coordenação: Shirlei Lica Ichisato Hashimoto e Neide Hissae Nagae

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

K82 Konjaku Monogatarishū : narrativas antigas do Japão [recurso eletrônico] / organizadoras: Neide Hissae Nagae, Olivia Yumi Nakaema. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2018. 3.014Kb ; PDF.

ISBN: 978-85-7506-318-7;  
DOI: 10.11606/9788575063187

1. Literatura japonesa. 2. Literatura clássica (Japão) (Século XII). 3. Antologia. I. Nagae, Neide Hissae, coord. II. Nakaema, Olivia Yumi, coord.

CDD 89

---

Elaborada por Elizabeth Barbosa dos Santos CRB-8/6638

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Esta publicação recebeu o apoio financeiro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, por meio da verba de publicação para o Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa de 2017; da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ) e da Fundação Japão do Programa Sakura Network, edição 2018.

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Orientais  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - sala 25, CEP 05508-010, São Paulo - SP

今昔物語集

*Konjaku Monogatari*shū: narrativas antigas do Japão reúne 22 histórias de cunho budista. Muitos dos seres que habitam o seu universo têm sido temas e objetos de releituras as mais diversas, a começar pelas produções literárias posteriores e de mangás e anime.

São muitos os nomes de cargos administrativos, templos e locais antigos que causam estranhamento. As histórias budistas levam, em sua essência, a misericórdia budista acompanhada de fenômenos maravilhosos: milagres que surgem ao entoar sutras como o da Flor de Lótus; templos hoje famosos erigidos pelas graças dos Budas; sonhos premonitórios; seres que desaparecem feito fumaça; ogro que solta fogo pelos olhos e pela boca; pessoas que se transformam em animais depois da morte e são salvas; mortos que ressuscitam; um homem que convida uma cobra para ser seu genro; ouro que nasce do ventre de uma "grávida"; punições infernais aos monges corruptos, sem falar nos entes sobrenaturais mais conhecidos do imaginário japonês.

O Grupo de Pesquisa de Tradução Japonês-Português USP é composto por alunos da Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e egressos dos mesmos. Foi formado no final de 2016 como continuidade do grupo de estudos anterior iniciado em 2011 e é coordenado pelas Professoras Shirlei Lica Ichisato Hashimoto e Neide Hissae Nagae da mesma Universidade.



*Mandala dos Dez Mundos*



## Sumário

Prefácio .....	xiii
Apresentação.....	xix
Observações sobre as traduções das narrativas de <i>Konjaku Monogatari</i> shū.....	xxv
História 1 - Tomo XI / Narrativa 10.....	31
Sobre o grande mestre Dengyō, que retorna do reino de Tang para transmitir os ensinamentos da escola Tendai Tradução de Lídia Ivasa	
História 2 - Tomo XI / Narrativa 29.....	37
Sobre a construção do Templo Shigadera pelo Imperador Tenji Tradução de Cristine Akemi Sakō	
História 3 - Tomo XII/ Narrativa 12 .....	43
Sobre o monge em treinamento que desenterrou uma estátua de Buda do leito arenoso de um rio Tradução de Kumie Fujimori	
História 4 - Tomo XII / Narrativa 28 .....	47
Sobre como o escrevente do país de Higo escapou do ogro Tradução de Roberto Satoshi Numada	
História 5 - Tomo XIII / Narrativa 10.....	55
Sobre Shunchō demonstrando a eficácia da recitação do sutra Tradução de Luciana Miho Kawasaki	

História 6 - Tomo XIII / Narrativa 43 .....	61
Sobre a jovem que reencarna no corpo de uma cobra após a morte, mas alcança a salvação budista, ouvindo o Sutra da Flor de Lótus	
Tradução de Luiza Nana Yoshida	
História 7 - Tomo XIV / Narrativa 2 .....	69
Sobre a cobra e o rato que foram salvos pela transcrição do Sutra da Flor de Lótus em Shinano	
Tradução de Thalita Yuri Yuhara	
História 8 - Tomo XIV / Narrativa 5 .....	75
Sobre o homem que fez cópias do sutra para salvar uma raposa	
Tradução de Lídia Ivasa	
História 9 - Tomo XV / Narrativa 42 .....	81
Sobre a morte de Yoshitaka	
Tradução de Vinícius Ito Ramos	
História 10 - Tomo XV / Narrativa 47 .....	87
Sobre um homem que sempre praticou transgressões, mas renasceu na Terra Pura budista, invocando Buda Amida na hora da morte	
Tradução de Luiza Nana Yoshida	
História 11 - Tomo XV / Narrativa 51 .....	93
A morte da idosa da vila de Iitaka de Ise	
Tradução de Fernando Carlos Chamas	
História 12 - Tomo XVI / Narrativa 4 .....	99
Sobre o milagre da regeneração de Kannon do reino de Tango	
Tradução de Luis Guilherme Libaneo de Camargo	
História 13 - Tomo XVI – Narrativa 16 .....	105
Sobre a mulher do reino de Yamashiro que, graças ao socorro de Kannon, livrou-se do perigo da serpente	
Tradução de Lucas Damasceno Endo	

História 14 - Tomo XVII / Narrativa 26 .....	111
Sobre o homem que comprou uma tartaruga, libertou-a e foi salvo pelo Jizō	
Tradução de Luis Guilherme Libaneo de Camargo	
História 15 - Tomo XVII / Narrativa 44 .....	119
Sobre um auxiliar do templo Bishamon que adquiriu recursos ao conceber uma pedra de ouro	
Tradução de Thiago Cosme de Abreu	
História 16 - Tomo XIX/ Narrativa 5 .....	127
Sobre o marido da princesa de Rokunomiya que se tornou monge e renunciou ao mundo	
Tradução de Luiza Nana Yoshida	
História 17 - Tomo XIX / Narrativa 6 .....	137
Sobre o homem que abdicou da vida mundana ao comover-se com o local em que a fêmea de pato selvagem estava vendo o macho morto	
Tradução de Olivia Yumi Nakaema	
História 18 - Tomo XIX – Narrativa 19 .....	143
A história de um monge do templo Tōdaiji que foi colher flores e encontrou um monge-morto	
Tradução de Shirlei Lica Ichisato Hashimoto	
História 19 - Tomo XX / Narrativa 1 .....	151
Sobre o Tengu de Tenjiku, que ouviu o som saindo da água e atravessou o mar ao Reino de Chō	
Tradução de Olivia Yumi Nakaema	
História 20 - Tomo XX – Narrativa 6 .....	157
Sobre uma mulher assombrada por um goblin Tengu que visita a morada de Ninshō, o eminente monge do templo Butsugenji	
Tradução de Fernando Carlos Chamas	

História 21 Tomo XX / Narrativa 34 .....	163
Sobre a morte imediata de Jōgaku, <i>bettō</i> do templo de Izumo, como punição terrena por comer a carne de seu pai encarnado num bagre Tradução de Luiz Henrique Bozzo Moreira	
História 22 - Tomo XX / Narrativa 39 .....	169
Sobre o arrependimento do monge soberbo dos recônditos do rio Kiyotaki Tradução de Thiago Cosme de Abreu	
Glossário .....	173

## PREFÁCIO

Luiza Nana Yoshida

O número de traduções de obras literárias japonesas, apesar do interesse crescente por parte das editoras brasileiras nas últimas décadas, ainda pode ser considerado tímido, principalmente no que concerne às obras da Literatura Clássica. Alguns autores modernos como Haruki Murakami, Jun'ichirō Tanizaki, Sōseki Natsume, Ryūnosuke Akutagawa, Yasunari Kawabata e Yukio Mishima passaram a ser traduzidos diretamente do Japonês e fazem parte do acervo de leitores brasileiros. São, porém, poucas ou até raras, as traduções de obras clássicas japonesas. Embora grande parte das obras clássicas já possuam a versão em Língua Moderna, originalmente são escritas numa língua bem diversa daquela utilizada nos dias de hoje, o que implica uma maior dificuldade para a sua tradução. Trata-se de um grande desafio a que se propuseram os tradutores deste livro. Sabe-se que a Língua Clássica, se comparada à Língua Moderna, apresenta-se formalmente mais compacta, porém, semanticamente mais densa; utiliza frequentemente omissões; opta por partículas que possuem dupla ou tripla significação; e alguns termos podem ter um sentido na Língua Clássica, mas outro, na Língua Moderna. Por maior que seja o esforço em buscar decifrar um texto clássico por si só, não é raro deparar-se com um obstáculo intransponível. É o momento de se recorrer aos estudos realizados pelos especialistas que, com suas notas e observações, vêm elucidar os mistérios que envolvem a língua de nossos longínquos ancestrais.

As primeiras obras da Literatura Clássica Japonesa datam do século VIII e foram originariamente registradas com a utilização do *kanji*, ideograma chinês, pelo fato de o Japão não possuir ainda escrita própria. Destacam-se, no período,

as antologias poéticas japonesas e chinesas, bem como as crônicas históricas que relatam a criação, o desenvolvimento e o estabelecimento do Estado Japonês. Por volta do século IX, são estabelecidos os fonogramas japoneses, *hiragana* e *katakana*, originários respectivamente da escrita cursiva e de uma parte componente do ideograma chinês. Os fonogramas japoneses trazem uma contribuição inestimável para o desenvolvimento da Literatura Japonesa, visto que tornam desnecessárias as adaptações utilizadas para registrar o Japonês, uma língua aglutinante, com a utilização do ideograma chinês, originário de uma língua isolante.

Nos séculos X e XI, o Japão vive historicamente o que se denomina *Kokufū Bunka*, “Cultura Nacionalizada”, caracterizada pela produção de uma cultura com traços mais peculiarmente japoneses, distanciando-se da influência direta da cultura continental. Trata-se de uma cultura produzida pela nobreza da época Heian (784 – 1192), baseada no conceito estético do refinamento e da sutileza, refletindo o seu estilo de vida. No âmbito literário, destacam-se, entre outros gêneros, as narrativas *monogatari* cujo tema, cenário e personagens encontram-se baseados na sociedade aristocrática de Heian. A obra *Genji Monogatari (As Narrativas de Genji)*, escrita pela dama da Corte Murasaki Shikibu, é considerada a produção representativa das narrativas *monogatari* e relata, no decorrer dos 41 tomos iniciais (no total de 54), a existência de Hikaru Genji através, principalmente, de seus casos amorosos. Belo, inteligente, requintado, gentil, um notável *irogonomi*, “amante refinado”, raríssimas são as mulheres que resistem à sua cortês, porém determinada, investida. Embora afastado da linhagem imperial e tornado súdito, Genji cresce no palácio, ao lado do imperador, seu pai, após a morte da mãe. Mais do que a simples descrição de casos amorosos de Genji com as damas da Alta e Média nobreza, Murasaki Shikibu deixou como legado o registro cuidadoso dos procedimentos da corte amorosa, das cerimônias palacianas, da arquitetura, da indumentária, da vida cortesã e da época do apogeu da aristocracia de Heian. Imbuída de apurada

sensibilidade, a autora expressa o amor e os sentimentos dele decorrentes de forma elegante e sutil, ainda que os mesmos se encontrem envoltos num clima de certa melancolia frente à efemeridade da vida.

*Konjaku Monogatari* foi compilado no século XII, no final, portanto, da época Heian, quando já se tornara evidente a derrocada da classe aristocrática e a ascensão da classe guerreira. É um período de transformações e mudanças que se refletirão também na Literatura. Não há, na verdade, uma obra que melhor represente essa transformação e mudança do que *Konjaku Monogatari*. A literatura, até então focada na classe aristocrática, busca expressar o mundo em ebulição.

Diferentemente da maioria das obras do período escritas em estilo Japonês, *wabun*, grafado predominantemente em *hiragana*, *Konjaku Monogatari* utiliza-se do estilo misto sino-japonês, *wakan konkōbun*, no qual os vocábulos nocionais e os nocionais-relacionais são grafados em ideograma chinês; e os relacionais e desinências, em *katakana* escrito em tamanho menor. E embora o compilador da coletânea seja desconhecido, os estudiosos apontam o emprego desse estilo particular como indicativo de que tenha sido algum religioso ligado a um dos grandes templos da época. *Konjaku Monogatari* possui ainda outra peculiaridade: as narrativas são iniciadas com a expressão *Ima wa mukashi*, que pode ser traduzida como “O agora é passado” e, via de regra, são finalizadas com *...to namu katari tsutae taru to ya* (ou expressão similar), que possui o sentido de “Conta-se que assim foi dito”, enfatizando sua característica de tradição oral.

As narrativas budistas e seculares que compõem a coletânea são originárias da Índia, da China e do Japão. Os tomos da Índia (1 a 5) são relativos a Buda Shakyamuni, sua vida, sua família, seus discípulos, o mundo Pré-Buda e Pós-Buda. As narrativas da China podem ser divididas em budistas (tomos 6 e 7), relativas à transmissão do Budismo no país, e seculares, que falam principalmente sobre o dever filial, reencarnação, retribuição e punição budistas, ou a História do país (tomos 9

e 10 – tomo 8 faltante). As narrativas budistas do Japão estão reunidas nos tomos 11 a 20 (tomos 18 e 21 faltantes), sendo os tomos restantes (22 a 31) voltados para as narrativas seculares cujos temas são tão variados quanto as coisas que existem neste nosso universo: fala sobre o ser humano, criança, jovem ou velho, renomado ou desconhecido e suas diversas realizações boas ou más; fala ainda sobre animais, vegetais, minerais, seres sobrenaturais e tudo o que mais se pode imaginar.

Para o presente trabalho, foram selecionadas 22 narrativas budistas cujo critério de escolha pretendeu observar principalmente a abordagem dos 9 tomos budistas e o destaque aos temas representativos dos Três Tesouros Budistas: o Buda, a Doutrina e a Comunidade budista. Assim, as histórias 1 e 2 tratam da introdução de uma das Escolas Budistas, Tendai, ao Japão e da origem de um dos templos, Shigadera. A história 3 relata o milagre de Yakushi Nyorai (Bhaisajyaguru), conhecido como o Buda que cura doenças do corpo e da mente. As histórias 4 a 8 retratam as graças obtidas através do Sutra da Flor de Lótus (Hokkekyō). O Renascimento no Paraíso Amidista, após uma morte serena, é o tema das narrativas 9, 10 e 11. As graças recebidas dos Bodhisattvas Kannon (Avalokitesvara), deusa da Misericórdia; Jizō (Ksitigarbha), considerado guardião das crianças e Bishamonten (Vaisravana), um dos Quatro Reis Celestiais, guardião do lado norte do Monte Sumeru, localizado no centro do mundo segundo a visão da Antiga Índia, são exaltadas nas narrativas 12, 13, 14 e 15. As narrativas 16 e 17 contam os acontecimentos que levaram dois maridos a deixarem o lar e a realizarem a conversão religiosa (*shukke*), após penosas experiências. Finalmente, as narrativas 18 a 22 trazem uma série de episódios relacionados à Lei da Causa e Efeito, enfocando as retribuições ou punições recebidas conforme a prática das boas ou más ações.

Embora o leitor possa ser levado a pressupor que a leitura de narrativas de cunho budista seja árdua em decorrência da própria natureza religiosa e filosófica que as fundamenta, certamente irá se surpreender com a fluidez de seu conteúdo,



marcado por uma dinamicidade em que fatos surpreendentes se sucedem para formar cada uma das narrativas que compõem a coletânea. No universo budista de *Konjaku Monogatari*, existe uma Verdade: aquele que tiver Fé em Buda, por mínima que seja, encontrará a Salvação, ainda que tenha cometido transgressões. Já aquele que se distancia e ignora completamente os preceitos budistas certamente receberá a sua devida punição até seu mau carma ser extinto. Simples assim.

## APRESENTAÇÃO

Neide Hissae Nagae

A Literatura Japonesa no Brasil tem sido cada vez mais divulgada por meio de trabalhos louváveis de tradutores, pesquisadores e editores que envolvem uma série de pessoas até se chegar ao livro pronto, disponível para o público.

Sabemos que nem todos chegam com facilidade às mãos dos leitores, de modo que é a convergência de uma união imensa que temos nesta obra.

Este livro constitui uma antologia de 22 narrativas que compõem a obra *Konjaku Monogatari-shū* (*Coletânea de narrativas em que o agora é passado*), dos meados do século XII. A coletânea é composta por 31 tomos organizados em narrativas da Índia, China e Japão, com suas subdivisões que separam os conteúdos existentes entre as mais de mil histórias. Escritas em Língua Japonesa Clássica e título em estilo chinês, sua autoria é desconhecida. A maioria das narrativas são breves e apontam para uma tradição oral. Embora existam as ditas narrativas seculares, o fio condutor da coletânea como um todo é o budismo. Em especial os tomos XI a XX coligem as chamadas narrativas budistas, e são deles os textos selecionados pela Professora Luiza Nana Yoshida da Universidade de São Paulo.

Embora mais antiga, a obra *Nihon Ryōiki* [abreviação de *Nihonkoku genpō zen'aku ryōiki* (*Registro de relatos japoneses de fenômenos espirituais do bem e do mal*)], do final do século VIII e início do século IX, tem a autoria do monge Kyōkai do templo Nambu Yakushi, com um claro propósito de divulgar o budismo no Japão com suas 164 histórias divididas em três partes.

Como ela, *Konjaku Monogatari-shū* relata episódios em que várias almas são salvas pela misericórdia budista, manifestada não só por monges, mas por pessoas devotas

aos Budas e aos preceitos budistas. Seres e fenômenos estranhos e maravilhosos pululam em suas páginas que delineiam uma mitologia nipo-budista e que assombra e encantam ao mesmo tempo.

A edição escolhida para servir de base para esta tradução é a que faz parte da coleção intitulada *Nihon Koten Bungaku Zenshū* (*Obras Completas da Literatura Clássica Japonesa*) em 51 volumes, publicada pela Editora Shōgakukan, com sua 1ª edição em 1974, em quatro volumes que correspondem aos Números 21, 22, 23 e 24 da coleção na organização e tradução para a língua moderna de Kazuo Mabuchi, Fumimaro Kunisaki e Toru Konno. Entre as muitas coletâneas existentes, essa é a mais didática, por ter título e texto acompanhados pelas leituras dos ideogramas e ser precedida por um breve comentário a seu respeito. Também fornece muitas informações em notas dos organizadores e através da tradução em Língua Japonesa Moderna. O primeiro dos quatro volumes que compõem a coletânea, dessa edição, apresenta informações sobre a formação da obra e das cópias existentes e preservadas, além de conter textos explicativos sobre a sua estrutura e conteúdo. Consultou-se também a Nova Edição da Coleção (*Shinpen Nihon Koten Bungaku Zenshū*) com 88 volumes, publicada pela mesma Shōgakukan, organizada e traduzida para a língua moderna por Kazuo Mabuchi, Fumimaro Kunisaki e Taiiti Inagaki, também em quatro volumes, com os Números 35 (tomos 1 ao 14) de 1999; 36 (tomos 15 ao 25) de 2000; 37 (tomos 20 ao 26) de 2001; e 38 (tomos 27 ao 31) de 2002. Os textos selecionados fazem parte, respectivamente, dos tomos organizados com as narrativas budistas do Japão.

Existem algumas narrativas de *Konjaku Monogatari* traduzidas em livros como *Lendas antigas do Japão*. Kikuo Furuno, selecionador das histórias e seu organizador, menciona que teve o intuito de apresentar algumas peculiaridades dos costumes e hábitos japoneses por meio de histórias anteriores ao que ele chama de Idade Moderna, conforme as Notas do autor por ele assinadas à página 10. A publicação foi feita em Tóquio, Japão, e no livro não constam nem a editora, nem a data de publicação. E a tradução é de José Yamashiro. Dela fazem parte seis histórias: **O eremita Kume;**

**Destino; Ladra; O peixe que se transformou em oração; O homem que foi salvo por uma palavra; O cortador de caniço.**

Elas não trazem o título original, mas estão identificadas como sendo do *Konjaku Monogatari*, e se encontram distintas de dois títulos extraídos do *Ujishū Monogatari* (*Narrativas coletadas em Uji*), outra coletânea um pouco posterior à primeira, classificada no mesmo gênero *setsuwa*, de tradição oral e também de autoria desconhecida. Encoraja-nos a afirmação de Hermilo Borba Filho, em seu texto intitulado *Lendas: País de Sonho e poesia*: “A leitura dos contos leva-nos para a terra irreal, suave, tão ingênua quanto um desenho animado de Walt Disney, e faz-nos sonhar com um mundo onde as lendas populares poderiam ser servidas diariamente com a finalidade de quebrar a brutalidade dos ‘corações duros como pedra’” (s/data: p. 4). Obviamente, a sua avaliação parte também da leitura de histórias extraídas de obras como *Narrativas de Ise*, “Lendas do Mar” e “Lendas da Floresta”, incluindo outras, muitas sem identificação.

No caso das narrativas traduzidas pela “Equipe Konjaku”, a sua quase que totalidade não seria tão suave ou ingênua, pois contém uma finalidade pedagógica, mas, com certeza, serve ao propósito de humanizar o coração humano.

Quanto ao Grupo de Pesquisa de Tradução Japonês-Português da USP, ele é uma nova configuração do antigo Grupo de Estudos de Tradução que começou a se reunir em 2011 e foi aumentando o interesse em trabalhar com um maior número de pessoas. Foi criado em 2016, com propostas de não apenas estudar tradução, mas também de publicar os trabalhos feitos, sejam eles na forma das traduções propriamente ditas, de apresentações de trabalho e/ou de artigos acadêmicos e científicos.

Após uma seleção entre os interessados, o grupo foi dividido em dois subgrupos que trabalhariam com a tradução de duas obras diferentes que, por sua vez, partiram da sugestão da coordenação. A primeira, *Hyakumonogatari* (*Cem narrativas*), contém as famosas histórias assustadoras que falam sobre figuras monstruosas, espíritos assombrados e outros fenômenos maravilhosos e que se tornaram muito populares no chamado período Pré-Moderno

Japonês e continuam até o presente, editada em uma versão mais recente. E a segunda, *Konjaku Monogatari* (*Coletânea de narrativas em que o agora é passado*), também traz elementos insólitos, muitas vezes horrendos, mas centrados na misericórdia budista e na transformação dos seres humanos a partir dos sutras e lições de vida.

As atividades do grupo começaram com reuniões mensais a partir de 2017, e, na primeira delas, foi realizada uma apresentação sobre a *Coletânea Konjaku Monogatari* pela Professora Luiza Nana Yoshida, uma das únicas especialistas no Brasil nessas narrativas cunhadas com o nome de *setsuwa*. Os grupos, então, passaram a desenvolver separadamente seus trabalhos de tradução. A “Equipe Konjaku” aceitou o desafio de trabalhar as histórias de cunho budista e seu objetivo passou a ser a tradução individual a partir do texto original em língua clássica e a sua finalização após um cotejo em grupo. Foram combinadas algumas uniformizações, como a frase inicial e final das narrativas, e o modelo de glossário que seria feito por cada tradutor. Os termos e expressões budistas receberam os comentários e elucidações de Fernando Carlos Chamas, estudioso do Budismo, em especial da iconografia budista, que foi convidado a fazer uma apresentação em reunião do grupo. Cabe, no entanto, esclarecer que as opções finais couberam aos próprios tradutores, não apenas em relação aos conteúdos budistas, como também ao uso de empréstimos linguísticos ou não. Por isso, há uma variação salutar entre as realizações de cada tradução, e, apesar das sugestões e comentários recebidos coletiva ou individualmente, cada tradutor assina o seu texto.

As ilustrações que acompanham as narrativas foram uma opção a mais oferecida ao grupo, que fez a escolha da ilustradora por meio dos três portfólios sugeridos pelos seus próprios integrantes. Cada tradutor fez a descrição de figuras que achou necessárias aos seus textos para servirem de base para as ilustrações, e os pormenores das mesmas foram conferidos pelos tradutores e pelo grupo, com a presença da ilustradora a partir dos rascunhos enviados previamente. A cinta que envolve a capa, a

mandala japonesa que abre este livro, assim como a caligrafia do título em japonês de cada narrativa foram pensadas para dar um toque especial a esta edição.

Uma programação intensa foi cumprida pelos integrantes que aceitaram o desafio, e é graças a eles e a todos os colaboradores que podemos apresentar esta antologia de narrativas budistas que teve seu título também escolhido pelo grupo: *Konjaku Monogatarishū: narrativas antigas do Japão*.

Como se pode observar, cada passo foi proposto para que os integrantes acompanhassem o processo de criação de uma antologia de tradução. O intuito foi exercitar o planejamento dos trabalhos e a negociação das decisões, dando um passo além da produção de uma tradução feita individualmente. A maleabilidade necessária para um trabalho em equipe também fez parte deste projeto que almeja formar tradutores cada vez mais autônomos e independentes.

Felizmente, a oportunidade de publicação dos trabalhos veio antes do esperado e, ao lado da grata satisfação de apresentar uma coletânea que foi elaborada em pouco tempo com a participação de uma equipe numerosa, obviamente, sempre persiste a dúvida se poderíamos ter feito melhor, mas, permanece, também, o anseio de que ela possa ser cada vez mais aprimorada pelas gerações futuras.

Registramos nossos agradecimentos especiais à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por meio do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, da Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras e do Centro de Estudos Japoneses, à Fundação Japão em São Paulo e à Associação Brasileira de Estudos Japoneses.

Com a alegria de lançar os trabalhos da “Equipe Konjaku”, mediante a colaboração de todos que se envolveram e apoiaram este trabalho, e obviamente de todos os integrantes do Grupo de Pesquisas de Tradução Japonês-Português, esperamos que as narrativas que eram contadas num passado de um lugar distante continuem a sê-lo entre os brasileiros, hoje e sempre, como se estivessem acontecendo agora.

## OBSERVAÇÕES SOBRE AS TRADUÇÕES DAS NARRATIVAS DE *KONJAKU MONOGATARISHŪ*

Conforme já dito na Apresentação, as traduções mantêm diferenças salutaras que podem e devem suscitar curiosidade nos leitores. Deixamos registradas algumas observações em relação a elas.

1. A primeira divisão político-administrativa do Japão é da Reforma Taika, realizada em 645. O Imperador Kōtoku subiu ao trono e, entre outras providências para centralizar o poder, aboliu as propriedades particulares; instaurou a divisão político-administrativa sob o sistema *kokugunri* 国郡里制, ou seja, *kuni* 国, *kōri* 郡 e *sato* 里 em ordem decrescente de tamanho e importância; realizou o censo para proceder à distribuição de terras e uniformizou os impostos em algumas categorias. Em 717, *gō* 郷 foi criada para abrigar, sob sua jurisdição, dois ou três *sato* 里, cuja dimensão compreende 50 *ko* 戸 (a chamada “grande família” compostas por 10 a 12 pessoas em média). Assim, essas divisões político-administrativas foram traduzidas respectivamente por “país”; “reino” ou “província”; “distrito” ou “vila” e, por último, “vilarejo” ou “aldeia”. No original em japonês, as leituras dos ideogramas dessas divisões político-administrativas variam quando estão sozinhas ou acompanhadas pelos respectivos nomes, em função dos ideogramas que permitem diferentes leituras. Como as narrativas não possuem datação certa, a obra, enquanto coleção, distancia-se daquela última divisão político-administrativa, e, nas opções feitas pelos tradutores, ora há notas, ora não, mas, pelo contexto, é possível ter uma noção de quais seriam as maiores ou menores divisões administrativas.

2. Até praticamente o final do século XIX, o Japão adotou o calendário lunar que utiliza o Zodíaco japonês/chinês, para

designar as horas e os pontos cardeais. Nas narrativas, as horas são indicadas com os respectivos nomes dos animais, os quais, em geral, correspondem ao período de duas horas, e, nas traduções, há opções diversas entre identificar o horário correspondente ou manter o horário do nome do animal, acompanhando de nota ou não.

3. A língua japonesa não possui Número, Gênero, costuma ocultar Sujeito e Objeto, e por vezes, é repetitiva no que diz respeito àquilo que na língua portuguesa costuma ser condenável. A linguagem de tratamento é diferenciada quando a palavra é dirigida a alguém visto como superior ou inferior socialmente, e também ao se referir a alguém, levando-se em consideração as diferenças hierárquicas e o distanciamento em relação às pessoas envolvidas no discurso. Além disso, o tempo e aspecto nem sempre são muito claros. Tudo isso gera diferenças em função das interpretações, estilos de redação, além, obviamente, das escolhas feitas pelos tradutores. Por vezes, houve necessidade de “quebrar” ou “juntar” orações, a fim de se zelar pela clareza e fluidez da leitura na língua portuguesa.

4. Outro ponto a ser observado é quanto às unidades de medida como *sun* 寸, *shaku* 尺, *jō* 丈, *chō* 丁, por exemplo, em relação às quais podem ser encontradas as variações entre a adaptação para o português em unidades que variam de centímetros até quilômetros, em termos aproximados, por exemplo, ou os nomes em japonês com seus equivalentes inseridos no corpo do texto ou expressos através de notas.

5. Quanto à transliteração do japonês, utilizamos o sistema de romanização Hepburn, tendo como referência a 11ª impressão da 4ª edição de 1974 do dicionário Kenkyusha's New Japanese-English Dictionary da Editora Kenkyusha publicada em 1985. Para que os sons desse sistema sejam melhor realizados em português brasileiro, ressaltamos, por exemplo, que se leia CH como “tch”; GE e GI como “gue” e “gui”; J como “dj”; H sempre aspirado; R sempre



como “r” brando e S entre vogais como “ss”. A exceção ao Hepburn, no mesmo dicionário, é o uso do N antes de B, M e P, que também foi seguido. Em relação aos antropônimos, topônimos e cargos, por exemplo, a variação pode ocorrer entre os separados por hífen ou não, e os sufixos de acidentes geográficos e identificação de edificações estarem ou não mantidas com as traduções dos mesmos. Somente 法華經, quando transliterado, foi uniformizado para Hōkekyō, conforme a leitura dada no corpo do texto do original em Língua Clássica.

伝教大師 眞宋伝 天台宗 帰来語

# História 1

## Tomo XI / Narrativa 10

### **Sobre o grande mestre Dengyō, que retorna do reino de Tang para transmitir os ensinamentos da escola Tendai**

O agora é passado. No reinado do Imperador Kanmu<sup>1</sup>, um monge conhecido como grande mestre Dengyō veio à Corte. Mitsu era seu sobrenome mundano e ele nascera no país de Ōmi, em Shiga. Tinha inteligência precoce e, aos sete anos, era muito sábio, compreendia tudo. Seus pais acharam o fato misterioso.

Quando completou doze anos, raspou os cabelos e se tornou monge. A princípio, iniciou-se no templo onde hoje é o monte Hiei<sup>2</sup> e permaneceu meditando sobre os ensinamentos budistas na cabana de palha que construiu. Nesse período, as *sariras*<sup>3</sup> surgiram de repente das cinzas do incensário. Ele se alegrou com o ocorrido e, enquanto pensava onde as colocaria, um recipiente dourado em forma de flor surgiu do mesmo local. Depositou as *sariras* no recipiente e passou a venerá-las noite e dia.

---

1 Imperador Kanmu (735–806) foi o 50º imperador do Japão e reinou de 781 a 806.

2 Localiza-se na atual província de Quioto.

3 Tais objetos são depósitos minerais — como pequenas pedras — que sobram de corpos cremados e que, segundo a tradição, foram considerados objetos sagrados após a cremação do corpo de Buda.

Em pouco tempo, pensou em erigir um templo no local, a fim de transmitir os ensinamentos da escola Tendai. Para isso, viajou ao reino de Tang<sup>4</sup> no ano 23 da Era Enryaku<sup>5</sup>. Primeiro, dirigiu-se ao monte Tendai e encontrou-se com o monge Dōsui, que lhe ensinou os textos da escola Tendai. Posteriormente, aprendeu com o monge Jungyō os ensinamentos da escola Shingon, estudando os textos exotéricos e esotéricos desta escola e absorvendo tantos conhecimentos e em tão pouco tempo, que se parecia com um jarro que se enche rapidamente com a água derramada. Nessa época, Gyōman, monge chefe do templo Butsurō, visitou o templo, viu o monge japonês e disse:

— Certa vez, o grande mestre Chisha disse que, duzentos anos após sua morte, um monge viria de um país do leste para transmitir e propagar seus ensinamentos. E vendo-o agora, tenho certeza de que ele falava de você. Aprenda os ensinamentos budistas e retorne ao seu país para transmiti-los.

E Dengyō absorveu os ensinamentos o quanto pode.

A propósito, quando o grande mestre Dengyō estava prestes a partir para o reino de Tang, ele visitou o santuário Usahachiman<sup>6</sup>, ainda no Japão, e rogou:

— Permita-me atravessar o mar agitado em segurança.

Como pediu, ele conseguiu chegar ao seu destino e aprender os ensinamentos da escola Tendai. No ano 24 da Era Enryaku, o grande monge retornou à Corte e, para agradecer a dádiva, visitou novamente o santuário Usahachiman. Prestando reverência diante da divindade, após entoar o Hōkekyō<sup>7</sup>, ele disse:

---

4 Época em que a China era governada pela dinastia Tang (618 – 907).

5 Corresponde ao ano 804. A Era Enryaku compreendeu o período de 782 a 806.

6 Localiza-se na atual província de Oita.

7 Conhecido como Sutra da Flor de Lótus. O termo “Hōkekyō” pode ser transliterado de diferentes formas. Em dicionários atuais, encontramos comumente as formas “Hokkekyō” e “Hokekyō”. No texto em língua clássica utilizado como base para as traduções, a forma de leitura encontrada foi “Hōkekyō” (法華經). Desse modo, o grupo de tradução optou por não uniformizar a grafia desse termo, deixando a critério de cada tradutor.

— Assim como era minha vontade, fui ao reino de Tang, estudei os ensinamentos de Tendai e retornei para transmitir esses ensinamentos. Construirei um templo no monte Hiei, onde muitos monges poderão habitar e no qual fundarei um veículo único<sup>8</sup>, a fim de que tanto os seres sencientes<sup>9</sup> quanto os de natureza inanimada possam compreender os ensinamentos budistas e alcançar o nirvana. Quero transmitir esses ensinamentos por todo o país e construir uma estátua de Yakushibotoke<sup>10</sup>, para curar as enfermidades de todos os seres vivos. Mas, para realizar essa incumbência, preciso de sua divina proteção, ó Hachiman Daibosatsu<sup>11</sup>.

Nesse momento, uma voz misteriosa ecoou do interior do recinto:

— Monge, seu desejo é realmente nobre. Coloque-o imediatamente em prática. Eu darei minha proteção. Vista esse manto para esculpir a imagem de Yakushi<sup>12</sup>.

Um manto feito de seda de Tang, tingido de púrpura escuro, foi atirado do interior do recinto. Era uma peça *kosode* □<sup>13</sup> de algodão. O monge aceitou e agradeceu pelo presente. Posteriormente, o templo no monte Hiei foi erigido. Vestindo o manto puro, o próprio monge Dengyō esculpiu a imagem de Yakushi.

Ele também visitou o santuário Kasuga<sup>14</sup> e, ao entoar o Hokeyō, uma nuvem púrpura ergueu-se do pico da montanha

---

8 Refere-se às duas maiores tradições do Budismo, Mahayana (difundida na China, Coreia e Japão) e Theravada (também chamada de Hinayana, foi difundida no Sri Lanka, Tailândia e Laos). Mahayana é conhecida como “grande veículo” e Theravada como “pequeno veículo”.

9 Senciência é a capacidade de percepção e não inclui necessariamente a autoconsciência.

10 Divindade conhecida por Bhaisajyaguru.

11 Com a introdução do budismo no Japão, a divindade Hachiman passou a ser conhecida também como Hachiman Daibosatsu, resultado do sincretismo entre xintoísmo e budismo.

12 Buda da cura e da medicina. Principal divindade reverenciada no templo Enryaku fundado por Dengyō, na época conhecido por Saichō.

13 Parte do texto que falta na versão em japonês.

14 Localiza-se na atual província de Nara.

e cobriu a região onde o sutra era lido. Foi dessa forma que os ensinamentos da escola Tendai foram transmitidos do reino de Tang ao nosso país.

Muitos falam dessa história. Tem-se dito que pessoas de outras localidades aprenderam os ensinamentos da escola Tendai e que até hoje ela prospera. E é assim que se conta.

Tradução de Lídia Ivasa

天智天皇建志賀寺語

## História 2

### Tomo XI / Narrativa 29

#### Sobre a construção do Templo Shigadera pelo Imperador Tenji

O agora é passado. Na ocasião da estadia do Imperador Tenji no país de Ōmi, cidade de Shiga, região de Ōtsu no Miya, havia por parte dele o desejo de construir um templo budista. Durante a noite, sonhando, ele orou pedindo:

— Mostre-me um local para o templo.

Um monge apareceu e disse:

— Na região noroeste há um excelente lugar. Vossa Alteza deveis sair e conferir rápido.

Nesse momento, ao despertar do sonho e sair para verificar, o imperador viu que havia uma luz na região indicada. Na manhã seguinte, um servo foi enviado para investigar. O servo o seguiu e, enquanto procurava uma montanha que chegasse a brilhar, alcançou o pé da montanha Sasanami, na cidade de Shiga. Ao se aproximar do vale e adentrar suas profundezas, deparou-se com um abismo, ao fundo do qual havia uma grande caverna. Perto da entrada da caverna, ao espiar, encontrou um senhor de idade bem avançada que usava chapéu. Era uma figura bastante singular. Tinha um olhar sagaz e ar nobre, com aspecto diferente dos homens que habitam o plano terrestre. O servo aproximou-se dele e perguntou:

— Quem é o senhor que aqui se encontra? O imperador vislumbrou uma luz vinda de uma montanha nesta região, e, ao ouvir do imperador a ordem ‘Vá investigar’, vim para cá.



O velhinho não fez menção de responder. O servo ficou bastante apreensivo e pensou: “Esta pessoa deve ter seus motivos”.

Retornando, ele narrou os acontecimentos. O imperador se espantou ao ouvir o relato e anunciou:

— Partirei e eu mesmo verificarei.

Logo em seguida, o imperador rumou em direção àquele local. O palanquim foi colocado próximo à caverna. Ao descer dele e se postar à entrada da caverna, viu que de fato havia o senhor idoso, que não demonstrava o menor sinal de medo. Usava um chapéu bordado e trajava veste lilás. Sua figura emanava um ar sublime, nobre. O imperador aproximou-se e indagou:

— Quem és tu que se encontra de tal maneira?

Nesse momento, o velho arregaçou um pouco as mangas e, como se fosse recuar levemente, disse:

— No passado, a morada dos antigos eremitas eram as cavernas, como as montanhas Sasanami e a de Nagara<sup>1</sup>.

Após enunciar tais palavras, o homem idoso desapareceu feito fumaça. Nesse momento, o imperador chamou □<sup>2</sup> e ordenou:

— O velho disse isso e aquilo e desapareceu. Entendi completamente. Este é um local indiscutivelmente sagrado. Deve-se erguer um templo aqui.

Depois disso, o imperador retornou à cidade.

No primeiro mês do ano seguinte, finalmente foi construído um grande templo, e instalou-se uma estátua de Miroku<sup>3</sup> com seis *jō* de altura (cerca de 4,85m). No dia do rito memorial, construíram uma grande lanterna<sup>4</sup> e o imperador, após acender ele mesmo a chama com seu dedo anelar da mão direita, cortou esse dedo pela base, guardou-o em uma caixa feita de pedra e enterrou-o sob a lanterna.

---

1 Atual Kita-ku, cidade de Osaka.

2 Parte do texto ilegível na versão em japonês. Provavelmente se trata do nome de quem estava sendo chamado.

3 O Buda do porvir. *Maitreya* em sânscrito.

4 Lanterna construída sobre o solo feita de pedra ou metal.



O fato de ter acendido a lanterna com as próprias mãos e ofertá-la a Miroku demonstrou uma forte crença por parte do imperador. Além disso, quando o templo estava sendo erguido, ao aplainar-se o terreno, desenterraram um pequeno pagode, que media cerca de três *shaku* (aproximadamente 1m). Pelo estilo, não se parecia com nada deste mundo. Ao compreender que se tratava de um dos muitos pagodes que o antigo Imperador indiano Asoka construía, o Imperador Tenji, fortalecendo ainda mais a sua promessa a Miroku, cortou o dedo e o enterrou.

Após o rito memorial, no 15° dia do segundo mês do oitavo ano da Era Tempyōshōbō (756 d.C.), o Chefe do Ministério de Assuntos Militares e Conselheiro de Quarto Grau, Tachibana-no-Asonnaramaro, realizou pela primeira vez neste templo encontros para difundir os ensinamentos budistas. Liam-se os comentários feitos sobre as escrituras que continham a doutrina, a disciplina e o discurso das linhas budistas Daishō e Shōjō, começando pelo Sutra da Flor de Lótus. Tachibana-no-Asonnaramaro doou 20 *chō* (cerca de 220m<sup>2</sup>) de campos de arroz para custear as despesas e disse:

— Que isso se perpetue por um longo período.

Daquele dia até hoje, os membros do clã Tachibana promovem tal evento.

No entanto, neste templo, após o rito memorial, como o dedo se tornou um símbolo do poder búdico, eram jogados ao

vale aqueles que viessem a se apresentar impuros, mesmo que o grau de sua impureza fosse leve. Aos poucos, tornou-se cada vez mais rara a presença de pessoas no templo. Com o passar dos anos, um monge de certo nome tornou-se *bettō* e, quando passou a administrar o templo, disse:

— Cada vez menos pessoas vêm orar neste templo e, por isso, ele está tedioso. Deve ser por causa do dedo de Vossa Majestade. Vou desenterrar e jogá-lo fora rapidamente.

Tão logo começou a cavar, de repente trovejou, choveu, ventou e houve um som estridente, mas o *bettō* cavava com mais fúria. Ao verificar, ele viu que era como se o dedo tivesse acabado de ser cortado, brilhava com uma luz branca e exibia uma cor viva. Depois de desenterrado, o dedo subitamente transformou-se em água e desapareceu. Logo em seguida, o monge *bettō* perdeu os sentidos e morreu. Depois disso, este templo perdeu seu símbolo do poder búdico. O monge, conhecido como “o *bettō* administrador desastrado”, foi odiado por todos os homens da face da terra até mesmo após a sua morte.

É assim que se conta a história do templo chamado Shufukuji.

Tradução de Cristine Akemi Sakō

修行僧從砂底掘出佛像語



## História 3

### Tomo XII/ Narrativa 12

#### Sobre o monge em treinamento que desenterrou uma estátua de Buda do leito arenoso de um rio

O agora é passado. Na divisa entre os países de Suruga e Tōtōmi, há um rio. O nome do rio é Ōi. A montante desse rio, existe um local chamado Uda no Sato. Ele faz parte de Haibara no Kōri, que pertence a Tōtōmi.

Acontece que, durante o mandato do Imperador Ōi, aproximadamente no terceiro mês do segundo ano de Tembyōhōji, um monge em práticas ascéticas no caminho de Buda atravessou esse país. No momento em que passava pelas margens do rio em Uda no Sato, ouviu uma voz que vinha do leito arenoso dizendo:

— Tirem-me daqui, tirem-me daqui!

Intrigado com o local de origem da voz, o monge deu uma volta pelas redondezas e retornando, notou que a mesma não se calava, apesar de não haver viva-voz por perto. Finalmente, compreendeu que a voz vinha de dentro da areia. O monge pensou “talvez seja um morto que fora enterrado na areia retornando à vida”, e revolveu a areia até que encontrou uma estátua de madeira de Buda (Yakushibotoke), de 6 *shaku* e 5 *sun* (quase 2 metros) de altura, cujas mãos haviam se perdido. Ao ver a estátua, o monge se entristeceu e disse:

— Então, tratava-se da voz de Buda.

Chorando, juntou as mãos e refletiu:

— Isto me foi enviado por meu grande mestre Buda? Qual fora a circunstância que a colocara na água? No entanto,

aconteceu pelo destino de nos encontrarmos. Eu vou realizar a restauração necessária.

Após proferir essas palavras, ele prontamente reuniu conhecimento, adeptos e oferendas; contratou monges; fez reparos; construiu no local (Ka no Uda no Sato) um templo, onde encerrou a estátua; orou e a reverenciou. Trata-se do Templo Uda da atualidade.

Desde então, não houve experiência espiritual maior do que essa. Foi trazida a Iluminação. Quando as pessoas desse país desejam algo, visitam o Yakushibotoke, fazem o pedido e sempre são atendidas. Para tanto, os monges, homens e mulheres desse país, abaixam suas cabeças em sinal de profunda reverência. O motivo pelo qual esse Buda se encontrava enterrado na areia é desconhecido. Sabe-se que, de fato, ele proferira aquelas palavras. Os que seguem o caminho de Buda devem visitá-lo e reverenciá-lo. É assim que se conta.

Tradução de Kumie Fujimori



肥後国書生免羅刹難語





# História 4

## Tomo XII / Narrativa 28

### Sobre como o escrevente do país de Higo<sup>1</sup> escapou do ogro

O agora é passado. Existia no país de Higo, um escrevente<sup>2</sup> já idoso que há muito se dedicava logo pela manhã aos serviços oficiais da repartição pública. Certo dia, tendo um assunto urgente para resolver, saiu de casa logo cedo a cavalo em direção à repartição pública, sem a companhia de nenhum vassalo. Sua casa distava não mais que 2,2km e, por isso, ele não demorava muito para chegar ao seu destino; porém, neste dia, quanto mais cavalgava, mais distante a repartição ficava e não conseguia chegar até ela. Nesse ínterim, o escrevente acabou se perdendo pelo caminho, terminando em meio a um desconhecido campo. Enquanto o percorria de um lado a outro, o dia se findou, encontrando-se ele em meio ao extenso campo a perder de vista, sem nem mesmo ter algum lugar onde pudesse se alojar.

No instante em que o escrevente, desolado e triste, rogava para encontrar o povoado, viu de relance a ponta do telhado de uma magnífica casa na colina ao sopé da montanha. Pensando ter chegado próximo ao povoado, contente, aproximou-se depressa dessa casa; porém, ele percebeu não haver indícios de moradores nela. Percorreu seu entorno então, perguntando:

— Tem alguém nessa casa? Por favor, apareça! Como se chama este povoado?

---

1 País de Higo: Higo no Kuni (肥後の国 – Atual Província de Kumamoto).

2 *Shokisei* (書記生): escrevente.

Vindo do interior da casa, ele ouviu a resposta de uma voz feminina:

— Quem é? Entre sem fazer cerimônia.

Ao ouvir essa voz, o escrevente se viu apoderado por um grande medo, mas mesmo assim respondeu:

— Eu me perdi pelo caminho. Não posso entrar porque tenho um assunto urgente para resolver. Só desejo que me ensine o caminho.

Assim sendo, a mulher disse:

— Então espere um instante. Vou sair e ensinar-lhe o caminho.

E fez menção de sair da casa.

Sem suportar o medo, o escrevente montou no cavalo e tentou fugir. Mas, ao ouvir as passadas, a mulher foi saindo e disse:

— Você, você, espere um pouco!

Ao voltar-se para trás e ver a mulher, o escrevente reparou que ela tinha a estatura do telhado da casa e olhos com brilho intenso.

— Então é isso! Na verdade, essa mulher é um ogro! Acabei por vir a sua casa! — pensava ele enquanto açoitava o cavalo para fugir.

— Por que você está querendo fugir? Pare aí agora mesmo!

Ao ouvir tal horripilante voz, o escrevente sentiu o fígado como que em frangalhos. Reparou que parecia que aquela figura gigantesca estava soltando lampejos de fogo pelos olhos e pela boca. Com uma enorme boca aberta, o ogro vinha em sua perseguição batendo as mãos. Confuso em meio àquela situação, o escrevente se via a ponto de cair do cavalo e enquanto tentava fugir, rezava:

— Salve-me, Kannonsama<sup>3</sup>. Imploro-lhe que salve minha vida!

Nesse momento, repentinamente, o cavalo tropeçou, vindo a cair de um baque só e o escrevente acabou sendo jogado à sua frente. No instante em que pensava que seria pego e terminaria por ser comida, o homem notou que logo ali havia uma cova e, instintivamente, nela se jogou.

---

3 Kannonsama (觀音様): Deusa da Misericórdia.

— Aonde foi o sujeito que estava aqui? — ouviu-se a voz do ogro que chegou logo a seguir.

Sem encontrar o escrevente, o ogro começou a comer o cavalo. Ao ouvir o barulho do animal sendo comido, o escrevente pensou: “Quando terminar de comer o cavalo, com certeza virá me comer, mas quem sabe não perceba que estou escondido neste buraco”.

Permaneceu rezando fervorosamente para que Kannonsama o salvasse. Nisso, o ogro terminou de comer o cavalo e, aproximando-se do buraco, disse:

— Esse é meu alimento de hoje. Por que o toma de mim e não me dá? É lamentável que sempre faça essas crueldades comigo!

Ouvindo essa voz, ao mesmo tempo em que pensou que seu pretenso bom esconderijo havia sido descoberto pelo ogro, o escrevente escutou outra voz vinda de dentro do buraco:

— Essa é a minha comida de hoje. Por isso, não posso dá-la a você. O cavalo que comeu há pouco não foi o suficiente?

Diante dessas palavras, o escrevente, entristecendo-se, pensou: “O que quer que eu faça, não há como salvar minha vida. Pensei que aquele ogro fosse a coisa mais pavorosa; porém, dentro deste buraco há um ogro ainda mais pavoroso que deseja me comer!”.

“Rezei para Kannonsama, mas neste instante minha vida está por um fio. Esse é também um castigo vindo dos meus antepassados!” conformava-se, o escrevente.

Enquanto isso, o ogro que se encontrava fora do buraco, insistentemente, porém de forma polida, reivindicava a sua presa. Contudo, como a voz do interior do buraco não cedia, ele foi embora, lamentando-se.

Ao ouvir o som do primeiro ogro se afastando, o escrevente pensou: “Agora serei puxado para junto dele e serei devorado!”.

Ouviu então a voz do interior do buraco:

— Hoje você esteve a ponto de servir de alimento para o ogro, mas por ter rezado fervorosamente em reverência a Kannonsama, consegui salvar-se deste infortúnio. De agora

em diante, você deverá sempre rezar de coração em reverência a Buda, crendo profundamente no Hōkekyō<sup>4</sup>. Afinal, você sabe quem sou eu a falar essas coisas? — perguntou ela.

O escrevente respondeu que a desconhecia. Então, ouviu a voz dizendo:

— Não sou um ogro. Este buraco antigamente foi ocupado por um sábio religioso<sup>5</sup> que sobre este cume ocidental construiu uma *stupa*<sup>6</sup> em louvor ao Hōkekyō. Passados muitos anos, a *stupa* veio a se deteriorar e acabou por desaparecer. Apenas restou um ideograma do início do Sutra 妙, o qual permanece até hoje. Esse único ideograma 妙<sup>7</sup> sou eu. Permaneci neste lugar e salvei 999 pessoas de serem comidas por aquele ogro. Incluindo você, agora são 1000 pessoas salvas. Saia daqui depressa e volte para sua casa. De agora em diante, reze sem falta em louvor a Buda e recite com fé profunda o Hōkekyō.

Dizendo isso, o homem foi enviado para casa acompanhado de uma Dōshi<sup>8</sup>.

Orando em lágrimas, o escrevente foi seguindo a divindade, e conseguiu chegar a sua casa. A divindade acompanhou-o até o portão de entrada e o aconselhou:

— Você deve dedicar-se inteiramente a rezar e crer no Hōkekyō.

Dizendo isso, ela desapareceu sem deixar rastro.

Depois disso, ainda orando em lágrimas, o escrevente entrou de volta em casa já tarde da noite. Relatou em detalhes os acontecimentos aos seus pais, esposa e filhos e estes ficaram imensamente contentes e emocionados. A partir daí o escrevente passou a crer e recitar fervorosamente o Hōkekyō, venerando ainda mais a Kannonsama.

---

4 Hōkekyō (法華經): Sutra da Flor de Lótus.

5 *Seijin* (聖人): Sábio religioso.

6 *Sotoba* (卒塔婆): *Stupa* – Monumento da tradição budista construído em locais abençoados.

7 妙 (myō): Ideograma inicial de 妙法華經 (Myōhōrengekyō) que é o Sutra da Flor de Lótus.

8 Dōshi (童子): Divindade infantil budista.

Um só ideograma 妙 restou da deterioração e veio a salvar pessoas. Por isso, transcrever corretamente e de coração o Hōkekyō constitui-se numa boa ação extraordinária e inimaginável. Assim é que, mesmo neste mundo dos favores divinos, o sofrimento das futuras gerações pode, sem dúvida, ser evitado.

Assim é que se conta.

Tradução de Roberto Satoshi Numada



春朝持經者顯經驗語





# História 5

## Tomo XIII / Narrativa 10

### Sobre Shunchō<sup>1</sup> demonstrando a eficácia da recitação do sutra

O agora é passado. Havia um seguidor do Hōkekyō<sup>2</sup> chamado Shunchō. Ele passava os dias e as noites recitando o Hōkekyō e, sem estabelecer uma morada fixa, ficava a vagarear por toda a parte, apenas recitando o sutra. Ele acreditava que as pessoas possuidoras de compaixão sentem angústia, ao verem os outros angustiados, e sentem alegria, ao os verem felizes.

Certa vez, Shunchō, ao avistar as prisões leste e oeste da capital<sup>3</sup>, sentiu uma profunda compaixão e pôs-se a pensar: “Estes prisioneiros cometeram crimes e estão recebendo a devida punição, mas eu devo salvá-los do sofrimento, plantando sementes de Buda. Se eles morrerem na prisão, não há dúvidas de que cairão novamente nos Três Maus Caminhos<sup>4</sup> em outras vidas. Por isso, cometerei um crime intencionalmente, serei capturado e entrarei na prisão. E então, eu recitarei calorosamente o Hōkekyō para os prisioneiros”.

---

1 Biografia desconhecida.

2 *Sutra do Lótus* ou *Sutra do Lótus Branco do Darma Sublime*; em japonês, Myōhōrengekyō (妙法蓮華經). Hōkekyō (法華經) é sua abreviação. É um dos sutras mais influentes do Budismo Mahayana.

3 Referente à atual província de Quioto, antiga capital no Período Heian.

4 Três dos Seis Caminhos da Reencarnação: Caminho do Inferno, Caminho dos Demônios Famintos e Caminho dos Animais.

Sendo assim, ele entrou na residência de uma família nobre, roubou um jogo de utensílios de ouro e prata, e levou-os até o local de jogos de azar para mostrá-los e usá-los como objetos de aposta no *sugoroku*<sup>5</sup>. As pessoas que estavam ali reunidas viram os objetos com suspeita e protestaram:

— Essas são as coisas que foram roubadas de uma residência nobre.

Esse rumor se espalhou, até que Shunchō foi capturado e investigado, descobrindo-se, assim, a verdade que ocasionou sua prisão. O monge Shunchō ficou satisfeito ao entrar na prisão, pois assim poderia realizar seu desejo de recitar com toda a alma o Hōkekyō para os prisioneiros. Muitos deles ficaram comovidos e derramaram lágrimas, como forma de admiração. Shunchō, sentindo-se realizado, continuou recitando o sutra por dias e noites.

O imperador e as mulheres da Corte enviaram uma carta ao secretário, cujo conteúdo era: “O sujeito chamado Shunchō é, há longos anos, o protetor do Hōkekyō. Sua tortura não será permitida”.

O secretário teve então um sonho em que Fugen Bosatsu<sup>6</sup> estava montado em um elefante branco, emanando luzes e carregando um vaso com comida voltado para o portão da prisão. Uma pessoa perguntou:

— Por que estás parado aí?

E Fugen Bosatsu respondeu:

— Porque o protetor do Hōkekyō, Shunchō, está na prisão e, para compensá-lo, trarei coisas diariamente como o faço hoje.

E assim, o secretário despertou. Muito assustado, ele retirou Shunchō da prisão. O número de vezes que Shunchō foi parar na prisão já passara de cinco, seis vezes, mas ele nunca era punido pelos seus crimes.

---

5 Jogo de tabuleiro semelhante ao gamão.

6 Bodhisattva do Budismo Mahayana associado à prática e meditação. Além disso, ele geralmente é representado sobre um elefante branco, carregando uma flor de lótus.



Shunchō cometeu crimes novamente e novamente foi pego. Os policiais reuniram-se na prefeitura e decidiram na reunião o seguinte:

— Não há dúvidas de que Shunchō é um grande criminoso, mas, sempre que ele é pego, é absolvido da punição. Por isso, ele acaba roubando as coisas dos outros como bem entende. Desta vez, ele receberá uma punição severa. Temos que o punir, cortando suas pernas.

Quando os funcionários levaram Shunchō para os arredores de Ukon no Baba<sup>7</sup> e tentaram cortar suas pernas, ele levantou a voz e começou a recitar o Hōkekyō. Os funcionários, ao escutarem o sutra, começaram a chorar de admiração. Shunchō foi liberto.

---

7 Atual Kitano Tenmangū.

Mais uma vez, o secretário sonhou e, dessa vez, viu uma criança nobre e bela surgir com cabelo *mizura*<sup>8</sup> e roupas *sokutai*<sup>9</sup> confessando-lhe:

— O sábio Shunchō cometeu crimes propositalmente e foi sete vezes para a prisão a fim de salvar os condenados. Isto é como se fossem providências de Buda.

E assim, o secretário despertou. Após este fato, ele começou a ficar cada vez mais assustado.

Posteriormente, Shunchō, sem nem ter um lugar para residir, acabou falecendo sob a casa de Ichijō Umadashi<sup>10</sup>. Seu crânio ficou jogado ali, sem ninguém que pudesse dar um fim nele. Mas as pessoas que estavam por perto começaram a ouvir, durante todas as noites, uma voz recitando o Hōkekyō e sentiram uma admiração muito grande. Não se sabia quem estava recitando, mas houve um certo sábio que recolheu o crânio e o levou até as montanhas para sepultá-lo. E então, a voz que recitava o sutra cessou. As pessoas de lá perceberam então que era o crânio que recitava o sutra.

Assim foi dito pelas pessoas da época que o monge Shunchō não era meramente uma pessoa, e sim, uma encarnação de Buda.

Tradução de Luciana Miho Kawasaki

---

8 Estilo de cabelo antigo usado por homens adultos. Dividia-se o cabelo em dois lados, formando uma bola amarrada na altura de cada orelha.

9 Roupas masculinas usadas exclusivamente por funcionários que serviam o imperador na Corte do Período Heian.

10 Refere-se a Ukon no Baba (atual Kitano Tenmangū).

女子死受蛇身聞法花得脫語



## História 6

### Tomo XIII / Narrativa 43

#### Sobre a jovem que reencarna no corpo de uma cobra após a morte, mas alcança a salvação budista, ouvindo o Sutra da Flor de Lótus

O agora é passado. Havia uma pessoa que vivia no lado oeste da capital Heiankyō<sup>1</sup>. Era alguém cuja posição social não era baixa. Possuía uma única filha. Essa jovem era bela, distinta e tinha um bom coração. Assim, seus pais a criavam com muito amor, cercando-a de cuidados. Com cerca de □<sup>2</sup> anos, destacava-se dos demais pela sua caligrafia, e não havia ninguém que com ela se comparasse na composição de poemas. Além disso, era versada em música, sendo especialmente hábil na execução da cítara *shō*.

A propósito, sua residência era ampla, formada por várias construções cujos telhados eram cobertos com casca de cipreste. Seu □<sup>3</sup> era variado, indicando um excelente bom gosto. O riacho<sup>4</sup>

---

1 *Nishinokyō* (西の京) ou *ukyō* (右京), “lado oeste ou direito da Capital”, era o lado menos desenvolvido da Capital em comparação a *higashinokyō* (東の京) ou *sakyō* (左京), “lado leste ou esquerdo da Capital”.

2 Omissão da idade. Diz estar “na casa dos dez”. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatari-shū* 1. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 21. Tokyo, Shōgakukan, 1971, nota 8, p. 464.

3 Omissão de ideogramas que indicam provavelmente o mobiliário. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatari-shū* 1. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 21. Tokyo, Shōgakukan, 1971, nota 14, p. 465.

4 Refere-se a *yarimizu* (遣水), – Riacho artificial construído no jardim dos palácios imperiais e das residências dos nobres em estilo *shinden-zukuri* (especialmente no Período Heian).



cortava o jardim de forma encantadora, enquanto as flores primaveris e as folhas coloridas do outono apresentavam-se magníficas. Assim, os pais passavam os dias dando todo o amor para a filha cuja vida resumia-se a amar as flores e apreciar as folhas de outono.

Não se sabe o que a teria levado a isso, mas, mesmo podendo admirar as belezas como o desabrochar das flores de cerejeira em meio à neblina, a prazerosa visão dos verdejantes galhos do salgueiro ao vento, o cenário imperdível do outono cujas folhas coloridas parecem sobreposições de brocados ou as transformações dos crisântemos que colorem o cercado de gravetos, ela era totalmente fascinada e apaixonada pelas ameixeiras vermelhas. A jovem plantou uma ameixeira vermelha próximo à fachada frontal da ala leste. Na época da floração, levantava a janela de treliça já de manhã bem cedo e, sozinha, contemplando as flores embevecida, dedicava-lhes todo o seu amor. Ficava a apreciar a linda coloração da ameixeira e seu perfume até o anoitecer, não se dirigindo em nenhum momento ao interior da casa. Ela não deixava que as ervas daninhas crescessem ao seu redor, nem mesmo que passarinhos pousassem em seus galhos, e, quando as flores começavam a cair, apanhava as que caíam debaixo da ameixeira, juntava-as na tampa de uma caixa laqueada e punha-se longamente a apreciar seu perfume. Nos dias em que o vento soprava, estendia esteiras sob a ameixeira e lá recolhia as flores, evitando que se espalhassem. Levada por esse fervor, quando as flores secavam, a jovem as juntava e as misturava com o incenso para sentir o seu aroma.

Entrementes, ela plantava também pequenos pés de ameixeira vermelha e apazia-se em somente ficar apreciando suas flores.

Enquanto assim o tempo passava, a jovem começou a sentir uma inexplicável indisposição e, embora não estivesse especialmente enferma, passava os dias acamada. Com o correr dos dias, seu mal-estar se agravou e, apesar dos dolorosos lamentos de seus pais, ela acabou morrendo. Os pais, aos prantos, lamentaram muito e caíram em profunda tristeza, mas não podiam deixá-la como estava e, após os ritos fúnebres, despediram-se

dos presentes. Depois do funeral, todas as vezes em que os pais olhavam para a base dessa ameixeira vermelha não suportavam tamanha tristeza.

Passado um tempo, viram que se encontrava na base dessa árvore uma pequena cobra de pouco mais de 30cm<sup>5</sup>. Todos pensaram “deve ser uma cobra qualquer”, mas, na primavera do ano seguinte, lá estava ela no mesmo lugar. Enrolada na árvore, a cobra pegava com sua boca as pétalas que caíam e as juntava num mesmo lugar. Ao ver isso, os pais pensaram: “Oh, essa cobra é certamente a reencarnação da nossa falecida filha! Que coisa triste, pobrezinha! É lamentável que tenha se transformado dessa forma”.



---

5 Refere-se a *isshaku* (一尺), medida antiga equivalente a aproximadamente 30,03cm.

Profundamente abatidos, convidaram renomados monges como Shōban<sup>6</sup> e Gonku<sup>7</sup> para o ensinamento do Sutra da Flor de Lótus e a realização de palestras das Oito Instruções da Flor de Lótus. Foi então que essa cobra permaneceu na base da árvore e passou a ouvir as palestras desde o primeiro dia. No dia em que seria ministrada a palestra sobre o quinto volume do Sutra da Flor de Lótus, Shōban, que estava encarregado de fazê-la, explicou as origens da Salvação da filha do Rei Dragão<sup>8</sup>. As pessoas lá presentes ouviram emocionadas até as lágrimas, comentando:

— Que coisa extraordinária!

Enquanto isso, a cobra, que permanecera debaixo da árvore, morreu lá mesmo. Os pais e todas as pessoas que presenciaram a cena não puderam conter as lágrimas diante de cena tão comovente.

Depois desse ocorrido, o pai teve um sonho: a filha, vestida com um traje imundo, parecia estar tomada pela tristeza, quando um respeitável monge apareceu e retirou seu traje, colocando à mostra a pele dourada e transparente da jovem sobre a qual ele vestiu um traje e sobrepeliz magníficos, para, em seguida, conduzi-la ele próprio para uma nuvem violácea na qual subiram e desapareceram no momento em que o sonho findou. Tratava-se, sem dúvida, de graça alcançada pela força do Sutra da Flor de Lótus. Todos demonstraram seu respeito, comentando:

— Embora fosse uma cobra, morreu durante o sermão do Sutra da Flor de Lótus. Assim, pela graça alcançada, ao ouvir o Sutra, ela certamente deixou o corpo da cobra e renasceu no Paraíso da Terra Pura.

---

6 Foi monge do templo Kōfuku-ji de Nara e tornou-se famoso por seus sermões. Faleceu em 999.

7 Foi monge do templo Enryaku-ji de Quioto. Era versado nos ensinamentos de Buda e famoso por seus sermões. Faleceu em 1008.

8 Refere-se ao episódio em que o Bodhisattva Manjushri prega o Sutra da Flor de Lótus no palácio do fundo do mar e a filha do rei Dragão de apenas oito anos alcança a Iluminação, após ouvir o sermão. Cf. Sutra da Flor de Lótus, volume 8, capítulo 12.

Ademais, o fato de ela ter morrido justamente no dia em que se pregava o quinto volume, quando se falava sobre as origens da Salvação da filha do Rei Dragão, causou profunda comoção, mesmo entre aqueles que só ouviram falar do fato. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Luiza Nana Yoshida



信濃國為蛇鼠写法花救苦語



# História 7

## Tomo XIV / Narrativa 2

### Sobre a cobra e o rato que foram salvos pela transcrição do Sutra da Flor de Lótus em Shinano

O agora é passado. Durante o reinado do Imperador □<sup>1</sup>, existia uma pessoa chamada □<sup>2</sup>, Governador de Shinano.

Terminado o período que deveria servir em Shinano, essa pessoa retornou para a Capital. No caminho de volta, o governador se deparou com uma enorme cobra que se juntou a ele. Quando ele fazia uma parada durante a viagem, a cobra também parava e se escondia no matagal. Durante o dia, a cobra o acompanhava, indo ora à frente, ora atrás; e durante a noite, enrolava-se embaixo do roupeiro.



1 Parte do texto que falta na versão em japonês.

2 Parte do texto que falta na versão em japonês.



— Isso é muito esquisito. Vamos matá-la! — diziam os outros.

Porém, o governador declarou:

— Não devemos matá-la de forma alguma. Deve ser algo que já estava predestinado — e, como se orasse, apelou em seu íntimo — É o desejo das divindades que essa cobra me siga ou seria o efeito da maldição lançada por algum espírito maligno<sup>3</sup>? Nós desconhecemos. Mesmo que tenhamos cometido algo digno de punição, homens simplórios como somos, não temos como saber. Por favor, mostrai-me algo em forma de sonho.

E assim rogando, na mesma noite, o governador sonhou. Em seu sonho apareceu a figura de um homem trajado com uma calça do tipo *hakama* para vestes *suikan*<sup>4</sup>, estampada com um padrão formado por manchas<sup>5</sup>, que se ajoelhou diante de si, dizendo:

— O meu arqu-inimigo de muitos anos encontra-se no interior de seu roupeiro. É com intenção de matar esse homem que eu tenho lhe seguido todos os dias. Se entregá-lo, irei embora imediatamente.

Terminada essa fala, o governador despertou.

Ao amanhecer, o governador relatou o sonho aos seus acompanhantes e, em seguida, ao abrirem o roupeiro, viram que nele se encontrava, ao fundo, um velho rato. Aparentava estar tão amedrontado que, ao ver as pessoas, não conseguiu nem mesmo tentar fugir, encolhendo-se no interior do móvel.

— Vamos nos livrar logo deste rato — disseram os companheiros de viagem do governador.

Este, entretanto, compreendeu que o rato e a cobra eram grandes inimigos desde vidas passadas e compadeceu-se com a situação.

---

3 Espírito de pessoa morta que amaldiçoa as pessoas vivas.

4 *Suikan*: tipo de vestimenta utilizada por oficiais de posições baixas, feita de um tecido simples de mesmo nome que não usa goma em sua composição, sendo mergulhado na água e depois estendido para secagem. Aberto nas laterais, o *suikan* possui gola redonda e alta que é fechada por duas longas cordas atadas na altura do pescoço, e suas mangas são compridas e largas. Comumente vestido juntamente com o *suikan no hakama*, uma espécie de calça pregueada utilizada sobre o quimono, que se difere do *hakama* comum pelo número de pregas.

5 No original, マダラ模様 (*madara moyō*).

“Se eu despejar este rato, ele será, sem dúvida, devorado pela cobra. Vamos fazer uma boa ação e salvar ambos, tanto o rato quanto a cobra” — pensou o governador, e, parados então naquele local, visando ao bem da cobra e do rato, o governador e seus companheiros se dedicaram durante um dia inteiro a transcrever parte do Hōkekyō, o Sutra da Flor de Lótus. Como muitas pessoas da comitiva escreveram cada qual uma parte, terminaram a cópia dentro de um dia e, logo em seguida, chamaram um monge que os acompanhava para celebrar uma cerimônia especialmente em favor da cobra e do rato.

Na mesma noite, apareceram no sonho do governador dois homens. Ambos tinham boa aparência, sorriam e estavam vestidos de forma elegante. Diante do governador, fizeram uma reverência e dirigiram-lhe a palavra:

— Nós estávamos atados pela rivalidade em nossos corações desde vidas anteriores, matando um ao outro. Assim, eu o segui, pensando: “Desta vez, irei matá-lo”, mas vossa benevolência fez com que copiassem parte do Hōkekyō em um único dia para nos salvar. Pela força de vossa bondade, nós fomos libertados da maldição que nos atingia e agora devemos renascer no Tōriten<sup>6</sup>. Mesmo que se passem gerações e gerações, não conseguiremos retribuir-vos essa dívida.

Dito isso, os dois ascenderam aos céus. Nesse momento, o céu foi sendo preenchido por uma música esplêndida, e, enquanto via essa cena em seu sonho, o governador foi despertando.

Ao amanhecer, ele viu que a cobra havia morrido. Conferindo o fundo do roupeiro, verificou que o rato também estava morto. Todos os que viram a cena sentiram um pesar profundo.

Sem dúvidas, o governador possuía um coração admirável e, por muitas e muitas gerações, passou a ser um aliado para difundir os conceitos do budismo. Além disso, o grande poder do sutra Hōkekyō é algo surpreendente.

É assim que se conta a história que as pessoas continuaram ouvindo sobre o governador após seu retorno à Capital.

Tradução de Thalita Yuri Yuhara

---

6 O segundo dos seis paraísos budistas do reino dos desejos mundanos.



為救野干死写法花人語



# História 8

## Tomo XIV / Narrativa 5

### Sobre o homem que fez cópias do sutra para salvar uma raposa

O agora é passado. Havia um jovem e belo homem. Seu nome é desconhecido, mas devia ser um samurai. Esse homem, não se sabe de onde veio, atravessou a área de Nijō Suzaku<sup>1</sup> e passava em frente ao portal Suzaku<sup>2</sup>, quando viu uma bela mulher, com dezessete para dezoito anos, vestindo um quimono de várias camadas e postada de pé na beira da estrada. Ao ver a mulher, o homem sentiu que seria difícil ignorá-la, aproximou-se e tomou-lhe pela mão.

Levando-a para o interior do portal Suzaku, em um lugar deserto, os dois se sentaram e conversaram. O homem disse:

— Deve ser o destino que nos permitiu encontrar nessas circunstâncias. Nossos corações devem ter o mesmo sentimento. Por isso, faça o que eu disser. Passe a noite comigo. Meus sentimentos são sinceros.

A mulher respondeu:

— Eu não pretendo recusá-lo. Penso em aceitar a sua proposta, mas, se isso acontecer, com certeza perderei minha vida.

---

1 Nijō e Suzaku são nomes de avenidas da antiga capital Heian. A avenida Suzaku era a principal via de acesso ao palácio imperial e dividia a capital Heian longitudinalmente. A avenida Nijō localizava-se ao norte e passava em frente à entrada do palácio.

2 Portal Suzaku era o acesso ao palácio imperial.

O homem, desconhecendo o significado daquelas palavras, achou que se tratava de um pretexto para recusar seu pedido e tentou tomar a mulher à força. Em lágrimas, ela disse:

— O senhor é chefe de família e tem esposa e filho, não é? Certamente está agindo assim por um capricho passageiro. É triste saber que, no seu lugar, eu perderei a vida por causa de uma brincadeira.

Ela continuou a rejeitar o homem, mas finalmente cedeu.

Logo o sol se pôs e veio a noite. Ele alugou uma cabana nos arredores, levou a mulher e passaram a noite inteira juntos. Ao amanhecer, ela disse, preparando-se para ir embora:

— Eu morrerei no seu lugar. Por isso, ofereça uma cópia do Sutra Hōkekyō<sup>3</sup> e reze após a minha morte. O homem respondeu:

— O que está dizendo? A relação de um homem e uma mulher é trivial. Como pode ter tanta certeza da morte? Se você morrer, farei a cópia do Sutra Hōkekyō e a oferecerei em sua homenagem.

— Se quiser ter certeza da minha morte, vá amanhã bem cedo ao Butokuden<sup>4</sup>. Vou levar isso como prova.

A mulher apanhou o leque do homem e foi embora com lágrimas nos olhos. O homem, por sua vez, ainda não acreditando no que ela lhe dissera, voltou para casa.

No dia seguinte, ele pensou em averiguar se o que a mulher lhe contara era verdade ou mentira e foi até o Butokuden. Chegando lá, deparou-se com uma senhora de cabelos brancos, chorando copiosamente. Ele perguntou:

— Quem é a senhora? Por que chora tanto?

— Eu sou a mãe da mulher que o senhor encontrou no portal Suzaku ontem à noite. Minha filha está morta. Pensei em avisá-lo e vim para cá. Ela está deitada ali — disse a idosa apontando um local e desaparecendo em seguida como fumaça.

O homem achou estranho e foi até a construção. Viu uma raposa jovem deitada e morta, com o rosto coberto por um leque. Era o leque dele, que a mulher havia levado.

---

3 Sutra da Flor de Lótus.

4 Local em que o imperador assistia aos eventos que envolviam cavalos.



“A mulher de ontem era uma raposa? Quer dizer que eu passei a noite com uma raposa?”

Foi então que ele percebeu o ocorrido e, estranhamente, teve pena dela. Depois, voltou para casa.

A partir de então, ele passou a oferecer trechos do Sutra Hōkekyō por sete dias, rezando pela mulher. Antes de completar quarenta e nove dias<sup>5</sup>, sonhou com ela. No sonho, a jovem parecia uma divindade celestial, usando um belo traje. Estava rodeada por outras mulheres, vestindo também lindas roupas. Ela disse para o homem:

— Você rezou o Sutra Hōkekyō e garantiu a minha salvação, por isso, meus crimes foram redimidos e consegui renascer no Trayastrimsa<sup>6</sup>. Essa graça é incomensurável. Jamais esquecerei o que fez.

Assim dizendo, a mulher subiu aos céus ao som de uma música bela e maravilhosa. Esse foi o sonho que o homem teve. Quando acordou, pensou na experiência preciosa que vivenciara e elevou sua fé, rezando e reverenciando o Sutra Hōkekyō.

---

5 Segundo o budismo, o espírito do morto vaga pelo mundo dos vivos por quarenta e nove dias.

6 Um dos planos existenciais ocupados por deuses que fazem companhia a pessoas de bom carma.



O espírito desse homem é algo raro e esplêndido. Mesmo que tenha sido a última vontade da mulher, foi um grande esforço continuar a rezar após sua morte, sem quebrar a promessa que fizera. Devem ter sido bons amigos budistas<sup>7</sup> na vida anterior.

Tem-se dito essa história, que foi ouvida do homem.

Tradução de Lídia Ivasa

---

7 Em sânscrito, *kalyāṇa-mittatā*. Em japonês, o termo significa literalmente “conhecimento do bem” e refere-se à pessoa que transmite os ensinamentos do budismo e guia o outro pelo bom caminho. Geralmente, indica a relação entre mestre e aluno.

義孝少將往生語



# História 9

## Tomo XV / Narrativa 42

### Sobre a morte de Yoshitaka

O agora é passado. Havia uma figura importante chamada de Regente Sōshō Ichijō<sup>1</sup>. Seu irmão mais velho, o Capitão da Guarda Direita, Takakata Sōshō<sup>2</sup>, e seu irmão mais novo, Capitão da Guarda Esquerda, Yoshitaka Shōshō. Desde a mais tenra infância, Yoshitaka sempre demonstrou zelar pelos princípios morais e pelos ensinamentos budistas. Desse modo, ele nunca praticou qualquer maldade ou se alimentou de peixes ou de aves.

Em um dado dia, um grande grupo de altos palacianos no Seiryōden, a morada do imperador, chamou Yoshitaka e, quando este os atendeu, viu que os palacianos se divertiam com alimentos enquanto bebiam saquê. Yoshitaka observou que no banquete havia sido servido bagre com ovas. Vendo tal cena, não comeu e disse:

— Como vocês podem comer uma mãe juntamente com seus filhos?

Em seguida, Yoshitaka, com lágrimas nos olhos, retirou-se. Diante dessa atitude, aquelas pessoas também perderam o apetite e, após isso, nunca mais comeram peixes e aves. E também não é preciso dizer que não os mataram por

---

1 Também conhecido como Fujiwara no Koretada. Foi um estadista da Corte japonesa do Período Heian.

2 Título dado, a partir de 858, a um Regente nomeado com a tarefa de auxiliar o imperador ou a imperatriz até que atinja a idade adulta.

um longo tempo. Além disso, durante as folgas dos serviços, passaram a recitar o sutra Hōkekyō<sup>3</sup> e entoar o mantra *Namu Amida Butsu*.

Era outono do segundo ano da Era Ten'ei quando houve o surto de uma doença chamada varíola. Em uma noite enluarada, muito bonita, duas mulheres conversavam sentadas à varanda do corredor *hosodono* da morada Kokiden com mais duas ou três damas da Corte, quando, de repente, Yoshitaka, trajando vestes comuns<sup>4</sup>, apareceu vindo dos cômodos mais nobres. Sua postura, ao falar com as mulheres ali no *hosodono*, era admirável a ponto de se pensar que “até para falar sobre coisas mais mundanas, demonstrava sua moral budista”.

Já de madrugada, Yoshitaka caminhou na direção norte, acompanhado de um serviçal mirim. Viram que ele se tratava de um Bosatsu<sup>5</sup> e que, enquanto avançava, recitava alguns sutras com veemência. As duas mulheres, ao ouvirem isso, pensaram “Essa pessoa parece ser bem devota ao budismo. Para onde estará indo?”

A seguir, chamaram um samurai e deram a ordem:

— Verifique para onde o Capitão vai e volte para cá.

O samurai seguiu Yoshitaka, saindo pelo portão Jōtōmon<sup>6</sup>, seguindo para o norte pela rua Ōmiya e adentrando o Templo Sesonji pelo portão leste. Logo depois, o samurai avistou Yoshitaka embaixo de um pé de ameixeira vermelha a leste do recinto. Ele, voltando-se para o oeste, reverenciava, proferindo:

— As palavras que oferecem subserviência a Amithaba, rogando pelo renascimento na Terra Pura que fica a oeste.

Em seguida, Yoshitaka subiu ao espaço com assoalho de madeira.

---

3 Sutra da Flor de Lótus, principal sutra do budismo.

4 Parte do texto que falta na versão em japonês.

5 Seres próximos ao estado de Buda.

6 Portão no qual o séquito de guarda-costas da ala esquerda ficava e pelo qual Yoshitaka era responsável.

O samurai, ao presenciar tal cena, perguntou ao serviçal mirim que estava ao seu lado:

— Ele sempre recita os sutras?

O serviçal respondeu:

— Sim, mas somente quando ele não tem à vista ninguém por perto.

Ao retornar ao palácio, o samurai reportou o acontecido, e as duas mulheres acharam toda a situação realmente extraordinária.

No entanto, no dia seguinte, o Capitão contraiu varíola e, enquanto se lamentava por não conseguir andar, seu irmão mais velho Takakata também contraiu a doença, ficando cada qual nos aposentos das alas leste e oeste em convalescência. A mãe atendia aos filhos alternadamente e vivia andando de lá para cá devido aos cuidados com eles. Três dias depois, a doença do irmão mais velho Takakata agravou-se e ele morreu. Teve seu travesseiro virado para a direção norte, assim como manda a tradição na hora da morte. A mãe encheu-se de tristeza e chorou copiosamente. O irmão mais novo Yoshitaka, também gravemente doente e compadecendo-se do sofrimento da mãe, começou a recitar sutras em voz alta até que acabou morrendo em meio à recitação. Inexplicavelmente, um cheiro agradável se espalhou pelo ambiente todo. As pessoas ao redor comentaram sobre a dor da mãe que perdera dois filhos e de como deveria ser insuportável. Perguntavam-se também como deveria estar o coração dela. E, ainda, como seria a dor do pai se estivesse vivo.

Depois de três dias após a morte dos dois filhos, a mãe teve um sonho no qual seu primogênito estava de pé no portão do meio, chorando terrivelmente. A mãe, vendo tudo isso, foi ao canto do cômodo e perguntou:

— Por que não entraste em casa e por que choras dessa forma?

Seu filho respondeu:

— Queria me aproximar de ti, mas não posso. Procurei saber com En'ma<sup>7</sup> sobre minha punição, e o mesmo me libertou imediatamente, pois eu ainda tinha algum tempo de vida. Então, por ter sido liberado, tentei voltar para o meu corpo, pois não

---

7 Em sânscrito Yama. O Rei En'ma julga as almas no mundo dos mortos..

havia morrido ainda; porém, por terem virado meu travesseiro, a posição permanecerá invertida, caso meu espírito retorne ao corpo<sup>8</sup>. Dessa forma, não consigo voltar a viver neste mundo como outrora e permaneço caminhando errantemente. Que coisa cruel me fizeram, não?

E com um semblante de arrependimento, ele voltou a chorar.

Diante disso, a mãe despertou. E qual poderia ser o sentimento dela perante tal sonho?

Havia naquele tempo, certo Comandante Fujiwara no Takatō. Ele era muito amigo de Yoshitaka e foi avisar a sua mãe que o tinha visto em um sonho que lhe deixara bastante contente. No sonho, Takatō indagara a Yoshitaka:

— Onde estais?

Yoshitaka respondeu-lhe:

— Antes estava na parte de trás da Lua do Reino de Hōrai, porém, agora estou no Reino de Amida, regozijando-me na brisa do paraíso.

Após dizer isso, Yoshitaka desapareceu e Takatō despertou de seu sonho.

Takatō então redigiu um poema, transcrevendo o que vira. As pessoas, quando ouvem tal poema, compreendem que aqueles que seguem os preceitos budistas com retidão são recompensados no outro mundo.

Durante toda a sua vida, Yoshitaka foi talentoso e compôs muitos poemas. No sonho, o poema apresentado também era excepcional. Conforme transmitiu no sonho que estava “regozijando no paraíso”, Yoshitaka demonstrara que, de fato, reside no paraíso. E é assim que se conta.

Tradução de Vinícius Ito Ramos

---

<sup>8</sup> Segundo o costume japonês, somente pessoas mortas devem dormir com a cabeça virada para o lado norte.

造惡業人最後唱念仏往生語





# História 10

## Tomo XV / Narrativa 47

### Sobre um homem que sempre praticou transgressões, mas renasceu na Terra Pura budista, invocando Buda Amida na hora da morte

O agora é passado. Havia um homem na província de □<sup>1</sup>que cometera transgressões durante toda a sua vida. Ele matava animais<sup>2</sup> e vivia ao seu bel-prazer, não possuindo limites.

Ele □<sup>3</sup> viveu assim durante anos, até que alguém o advertiu:

— Aquele que pratica transgressões cairá certamente no inferno budista.

Mesmo diante dessa advertência, o homem não deu ouvidos e disse:

— É pura mentira dizer que aquele que comete transgressões cairá no inferno. Isso não existe. Por que motivo aconteceria tal absurdo?

E intensificou a matança de animais, vivendo e fazendo tudo o que desejava.

- 
- 1 Omissão intencional do nome da província. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 2, p. 158.
  - 2 Refere-se a *sesshō* (殺生), “morte”, que transgride um dos preceitos budistas que prega “não matar”.
  - 3 Omissão de natureza desconhecida, provavelmente referente a um nome próprio. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 5, p. 158.

Enquanto assim vivia, ele ficou gravemente doente e, em poucos dias, estava à beira da morte. Prestes a morrer, ele viu uma carruagem de fogo<sup>4</sup>. Após essa visão, o enfermo foi tomado pelo pavor e pediu que chamassem um famoso monge a quem disse:

— Passei toda a minha vida praticando transgressões à vontade. Apesar das advertências de que aquele que comete transgressões cairá no inferno, eu achei que isso fosse mentira e continuei fazendo maldades, mas agora, diante da morte, a carruagem de fogo está aí para me buscar. Vejo que é verdade que aquele que comete transgressões cairá, de fato, no inferno.



Arrependendo-se entristecido por não ter acreditado nisso todos aqueles anos, o homem não conseguia parar de chorar.

O monge, ao ouvi-lo em sua cabeceira, disse-lhe:

— Dizeis que por longos anos não acreditastes que iríeis para o inferno, se cometêsseis transgressões, mas agora que estais vendo a carruagem de fogo acreditais nisso?

O enfermo respondeu-lhe:

— Acredito plenamente, pois a carruagem de fogo está diante dos meus olhos.

---

4 Carruagem de fogo que transporta para o inferno aqueles que cometeram transgressões ou maldades.

Em vista disso, o monge lhe disse:

— Pois então, crede firmemente que renascereis na Terra Pura se entoardes o *nenbutsu*<sup>5</sup>. Isto faz parte do ensinamento do venerável Buda.

Assim, o enfermo juntou as palmas das mãos em prece sobre a testa e entoou certamente mil vezes:

— *Namu Amida Butsu...*

Em seguida, o monge perguntou ao enfermo:

— E então, ainda vedes a carruagem de fogo?

O enfermo respondeu-lhe:

— A carruagem de fogo desapareceu imediatamente. Vejo agora uma enorme flor de lótus dourada<sup>6</sup>.



---

5 Entoação que invoca o nome de Buda Amida, dizendo “*Namu Amida Butsu*”, que tem o sentido de “Eu me refugio em Buda Amida”.

6 Refere-se provavelmente ao pedestal em forma de flor de lótus onde o morto é transportado à Terra Pura com a comitiva de Buda que vem para recepcioná-lo.

E o homem então morreu. Nesse instante, lágrimas de emoção e veneração escorreram pelo rosto do monge que partiu em seguida. As pessoas que testemunharam ou ouviram sobre o ocorrido não puderam deixar de admirar o acontecimento com veneração.

Ao se pensar sobre isso, fica evidente que se deve entoar o *nenbutsu*, pois tudo aconteceu exatamente como Buda nos ensinou. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Luiza Nana Yoshida

伊勢国飯高郡老嫗往生語



# História 11

## Tomo XV / Narrativa 51

### A morte da idosa da vila de Iitaka de Ise

O agora é passado. Havia uma idosa na aldeia □<sup>1</sup>, na vila de Iitaka do país de Ise. Seguidora da crença budista, durante os quinze primeiros dias de janeiro, ela se dedicava às práticas budistas e, nos últimos quinze dias, encarregava-se dos trabalhos mundanos.

Para cumprir a sua prática budista, ela sempre comprava incenso para levá-lo a todos os templos dessa vila e reverenciar Buda. Além disso, a idosa colhia as flores da época; na primavera, as da primavera e no outono, as do outono, indo ao campo ou às montanhas; e as oferecia juntamente com o incenso como o seu serviço cerimonial para Buda. Além disso, ela providenciava sal e arroz, assim como frutas e outras variedades de vegetais, oferecendo-os a todos os monges da vila.

Dessa forma, todos os dias, ela fazia o serviço cerimonial para os três tesouros do budismo: Buda, a Lei e a Comunidade budista. Esta idosa passou muitos anos desejando ansiosamente renascer no paraíso de Amida Nyorai e, de repente, ficou doente. Enquanto esteve enferma por dias, desde os filhos e netos até todos os servos da casa, lamentando tal fato, ofereciam-lhe comida e bebida, e cuidavam dela.

---

1 Parte do texto que falta na versão em japonês.



Certo dia, a idosa subitamente se sentou. Então, a veste que usava até o momento caiu naturalmente. As pessoas que cuidavam da paciente estranharam ao perceberem que a idosa segurava uma flor de lótus na mão direita. A pétala media de 22 a 28cm e era toda brilhante com uma cor verdadeiramente bela, perfumada e incomparável a nenhuma outra. Não parecia uma flor deste mundo. Ao vê-la, seus cuidadores pensaram “que estranho!” e lhe perguntaram:

— De onde é essa flor que segurais? E quem a trouxe para vos dar?

A enferma respondeu:

— Esta não é uma flor que alguém consegue trazer facilmente para que uma pessoa a tenha. Mas essa é a flor que aqueles que vieram me buscar trouxeram para me dar.

Enquanto os cuidadores, que a ouviam e achavam isso estranho, louvavam o fato, a enferma, sentada, faleceu. E as pessoas que presenciaram isso disseram:

— Sem dúvida, ela é alguém que ganhou as boas-vindas no paraíso.



Quando se pensa que as vestes caíram sozinhas, vê-se como isto se trata de algo incompreensível. E as pessoas também suspeitam que a roupa teria caído por ser impura, visto que a senhora renasceu no paraíso da Terra Pura. Além disso, o fato de a flor de lótus ter surgido naturalmente nas mãos da idosa fez as pessoas imaginarem que o séquito<sup>2</sup> do paraíso da Terra Pura, vindo buscá-la, trouxe-lhe a flor. Isso não é visível ao olho nu do homem comum. A idosa, no momento de renascer no paraíso da Terra Pura, ensinou que se deve enxergar com os olhos do coração. E o que terá acontecido com a flor depois disso? Não se sabe se ela era real ou não, mas com certeza desapareceu. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Fernando Carlos Chamas

---

2 Diz respeito a *shōju* (séquito de *Bosatsu* que acompanha Buda Amida Nyorai), que dá as boas-vindas ao paraíso da Terra Pura (*gokuraku jōdo*).



丹後国成合観音靈驗語



# História 12

## Tomo XVI / Narrativa 4

### Sobre o milagre da regeneração de Kannon do reino de Tango

O agora é passado. No reino de Tango<sup>1</sup>, havia um templo nas montanhas chamado Nariai. Era um local de devoção a Kannon. Caso possam estar se questionando sobre a origem do nome Nariai, conto-lhes o que se sucedeu. Há algum tempo, um monge budista, pobre e asceta, fora ao templo, buscando abrigo. O templo ficava numa montanha alta e, nesse reino, a neve caía aos montes e os ventos sopravam violentamente. Com o inverno, a neve amontoada impedia o trânsito de pessoas pelo lugar. As provisões do monge haviam acabado e, em breve, ele morreria de inanição. Nas vilas, devido às nevascas, era impossível mendigar ou se alimentar da vegetação silvestre. Por um tempo, o monge persistiu, mas, depois de dez dias sem comer, suas forças se esgotaram de tal forma que ele se sentia fraco até mesmo para se levantar. Seu casaco de palha estava rasgado e ele permanecia largado no canto sudeste do templo. Sua fraqueza lhe impedia de buscar madeira para com ela fazer fogo. O templo havia sido danificado e o vento não parava de soprar. A neve e o vento estavam assustadoramente fortes, e o monge, enfraquecido, viu-se impossibilitado de ler um sutra ou rezar para Buda. Como não parecia que poderia encontrar algum alimento, só sentia o

---

1 A província de Tango encontrava-se no norte da região de Quioto e o local da narrativa é, hoje em dia, especificamente, a cidade de Miyazu, na Província de Quioto.

coração apertado. Parecia improvável escapar de algum modo daquela situação e conseguir comida, e o desespero do homem, então, tornou-se intolerável. O monge pensou que provavelmente morreria e orou para que Kannon daquele templo o salvasse:

— Invoco o sagrado nome de Kannon, apenas uma vez, para atender aos meus vários pedidos. Por anos tenho tido fé em Kannon, mas morrer de inanição perante Buda é algo verdadeiramente triste. Pedir coisas como um cargo alto ou um tesouro precioso seria algo condenável. Peço somente algo para comer e poder sobreviver apenas hoje.

Enquanto orava, ele olhava o local que havia sido destruído, no canto noroeste do templo e, lá fora, avistou um lobo que estava comendo um javali.

“Isso deve ser obra de Kannon. Acho que vou comer os restos do javali. Mas, servindo a Buda por todos esses anos, como eu poderia comer carne? Aprendi que todo ser vivo já foi um pai ou uma mãe em vidas passadas. Contudo, prestes a morrer de fome, por que não me é permitido servir-me dessa carne? Por outro lado, considerando isso, não é verdade que pessoas que comem a carne de seres vivos caem no mau caminho, rejeitando um ato de bondade perante Buda? Por causa disso, muitos animais fogem quando avistam tais pessoas, e Buda e os Boddhisatvas também se mantêm afastados”, o monge refletia.

Sem pensar que a miséria do espírito humano é a causa do sofrimento após a morte, e não sendo capaz de suportar as mazelas da fome no presente, o monge sacou o punhal e cortou as coxas posteriores do javali. Cozinhando-as numa panela, acabou se servindo de sua carne. O sabor era incomparavelmente bom, e, saciando a sua fome, o monge sentiu-se bem como nunca antes.

Assim sendo, enquanto o monge se lamentava pela grave ofensa de comer carne, a neve finalmente se dissipou, e as vozes dos moradores da vila começaram a ser ouvidas. Eles diziam coisas como:

— Como será que está aquele bonzo que se abrigou no templo? Com essa neve que caiu, não há pegadas de ninguém que tenha passado por aqui. Já se passou tanto tempo que ele não

deve ter mais nenhuma comida. Não há sinais de vida. Será que ele morreu?

O monge, ouvindo aquilo, pensou: “Antes de mais nada, eu deveria esconder o javali cozido”.

No entanto, isso não era possível, pois ainda havia restos de javali na panela. A ideia disso tudo fez o monge sentir-se envergonhado e triste. Em pouco tempo, as pessoas que estavam por ali entraram no templo:

— Como o senhor conseguiu sobreviver nessas condições? — elas lhe indagaram, olhando os arredores do interior do templo.

Dentro da panela, havia alguns pedaços comidos de um cozido de cipreste anão.

— Senhor monge, existem pessoas que passam fome e comem madeira? — os moradores lhe perguntaram, sentindo pena do monge.

Olhando para a estátua de Kannon, então, eles notaram cortes em suas coxas que aparentavam ser recentes.





“O monge deve ter feito aqueles cortes na imagem para comer”, pensaram espantados os moradores.

— Senhor monge, o senhor poderia ter cortado os pilares do templo e comido, já que são feitos da mesma árvore. Por que cortou a estátua de Buda?

O monge ficou surpreso ao observar a imagem e enxergar os cortes nas coxas conforme aquelas pessoas haviam falado.

— Naquele momento, o javali que comi era a própria Kannon que, para me ajudar, transformou-se no animal — comoveu-se o monge devotamente.

Virando-se para os moradores, ele contou como os fatos se sucederam e todos que ali ouviam choraram comovidos como nunca até então.

Naquele momento, o monge sentou-se perante o altar e orou, olhando para Kannon:

— Se esta é de fato uma imagem da deusa Kannon, por favor, regenere-se<sup>2</sup> e volte a ser como era antes.

Ao falar isso, perante os olhos de todos, as coxas da estátua foram restauradas. As pessoas todas choraram, sem exceção. E é por isso que o nome do templo é Nariai, que significa “Restauração”. Aquela imagem de Kannon está intacta até hoje. E pessoas espiritualizadas sempre devem peregrinar até o templo e reverenciá-la. E é assim que se conta.

Tradução de Luis Guilherme Libaneo de Camargo

---

2 A palavra “nariai” (成合) encerra em si o sentido de reunir, restaurar, regenerar.

山城国女人依観音助遁蛇難語



# História 13

## Tomo XVI – Narrativa 16

### Sobre a mulher do reino de Yamashiro que, graças ao socorro de Kannon, livrou-se do perigo da serpente

O agora é passado. No reino de Yamashiro<sup>1</sup>, uma moça que morava na vila Kuze<sup>2</sup> aprendeu a recitar os sutras de Kannon<sup>3</sup> desde os sete anos de idade. Todo mês, no décimo oitavo dia, praticava o ascetismo com fervor, reverenciando e fazendo votos para Kannon. Quando completou doze anos, tinha terminado de aprender uma parte do Sutra da Flor de Lótus. Ainda não tendo desaparecido por completo seus sentimentos inocentes e infantis, e tendo uma profunda misericórdia pelas pessoas, ela não possuía maldade.

Certo dia, essa moça saiu de casa e, quando foi passear, notou um homem que pegara um caranguejo e o amarrara com um fio. Perguntou então:

— Qual a razão de estar levando esse caranguejo?

— Para comer — o homem respondeu.

A moça então disse:

— Por favor, dê-me esse caranguejo. Se o motivo for alimento, na minha casa há muitos peixes mortos. Eu lhe darei isso em troca do caranguejo.

---

1 Yamashiro (山城国, *Yamashiro no Kuni*) corresponde ao sul da atual província de Quioto, em Honshū.

2 Também conhecido como *Kuze no Kōri* (久世の郡) ou *Kuse Gun* (久世郡). Localizado na parte sul da cidade de Uji, em Quioto.

3 Deus(a) budista da Compaixão e da Misericórdia. Em sânscrito: *Avalokitesvara bodhisattva*.

O homem, aceitando o que a moça disse, deu-lhe o caranguejo. Ela, por sua vez, tendo a posse deste, levou-o para o rio e o soltou.

Algum tempo depois, enquanto o ancião, pai da moça, cultivava o arrozal, percebeu uma serpente venenosa perseguindo uma rã para engoli-la. O ancião, vendo isso, sentiu compaixão pela rã e, virando-se para a serpente, disse agitado, sem pensar:

— Será que tu podes perdoar essa rã? Se puderes perdoar aceitando o que eu digo, eu te tornarei meu genro.

A serpente, ouvindo isso, olhou fixamente o rosto do ancião, largou a rã e entrou rastejando para dentro do matagal.

O ancião, pensando “Será que eu acabei dizendo algo desnecessário?”, voltou para casa e, lamentando o ocorrido, não conseguiu comer nada.

A esposa e a filha perguntaram ao ancião:

— Por que razão não comeis nada e estais com a aparência de quem se lamenta?

Ele explicou a razão do seu tormento:

— Como acabei me atrapalhando e dizendo algo sem pensar, estou me lamentando por isso.

A moça então disse:

— Comei logo a sua comida, por favor. O senhor não precisa se lamentar assim.

Aceitando então o que a filha dizia, o pai comeu sem se lamentar.

No entanto, nesta noite, quando estava prestes a chegar no horário do Javali<sup>4</sup>, alguém bateu à porta.

O pai, pensando “Não há dúvidas de que se trata daquela serpente”, comunicou isso a sua filha. Então, ela disse ao pai:

— Por favor, fazei com que ela prometa voltar somente daqui a três dias.

---

4 Antigamente, os horários eram representados através dos doze animais que constituem os signos do Zodíaco chinês. No caso do Javali/Porco, corresponde ao horário que seria por volta das dez horas da noite.

Quando o pai foi abrir a porta, lá estava em pé a figura de uma pessoa com uma posição de *Goi*<sup>5</sup>, que então disse:

— Vim por causa da promessa de hoje de manhã.

— Por favor, poderia voltar daqui a três dias? — o pai perguntou.

O *Goi*, ouvindo isso, foi embora.

Depois do ocorrido, utilizando tábuas grossas, a moça fez com que construíssem um novo armazém. Ao redor, elaboraram algo firme e forte, e, no fim da tarde do terceiro dia, ela entrou nesse armazém, trancando bem a porta.

— Hoje à noite, quando aquela serpente vier e bater à porta, podeis abrir rapidamente para ela, por favor. Eu irei pedir insistentemente pela proteção de Kannon.

E, dizendo isso, a moça encerrou-se no armazém.

No começo da noite, o *Goi* bateu à porta e, conforme o combinado, esta foi aberta. O *Goi* entrou e, vendo o novo armazém em que a moça se encontrava, sentiu despertado em si um profundo ódio. Mostrando então sua forma original de serpente, enrolou-se ao redor do novo armazém e, com a cauda, ficou batendo na porta.

O pai e a mãe, ouvindo isso, ficaram extremamente apavorados. No meio da madrugada, esse som cessou. Neste instante, puderam ouvir os gritos de dor da serpente. Depois, esse som também foi interrompido. Quando amanheceu, viram um enorme caranguejo, liderando milhares de caranguejos que o acompanhavam e que haviam matado a serpente com suas pinças. Logo após, os caranguejos retornaram para o lugar de onde vieram.

A moça então abriu o armazém e disse ao pai:

— Durante a noite inteira, eu respeitosamente recitei o sutra de Kannon até que surgiu então um monge elegante que me instruiu da seguinte forma:

— Tu não necessitas ter medo de nada. É só contar com o excerto ‘Se serpentes e escorpiões venenosos lhe ameaçam com

---

5 *Goi* (五位): O nobre que ocupa a quinta posição da Corte imperial.

um sopro de chamas...<sup>6</sup> do sutra de Kannon. Somente graças à proteção de Kannon tu conseguirás sair ilesa deste problema.

O pai e a mãe, ouvindo isso, ficaram extremamente felizes.

Depois disso, a fim de consolar o sofrimento da serpente e também para salvar os vários caranguejos do crime de matá-la, foi decidido que nesse local seria enterrado o cadáver da serpente e, em cima dele, construiriam um templo budista. Além disso, também erigiriam uma imagem de Buda, transcreveriam uma cópia das escrituras sagradas do budismo e realizariam serviços cerimoniais pela morte da serpente<sup>7</sup>. Esse templo é chamado de “Kanimatadera”<sup>8</sup> e existe ainda hoje. Posteriormente, passou a ser chamado de “Kamihatadera”<sup>9</sup> para a melhor compreensão do público e não há como saber a razão desse fundamento.

Pensando nisto, com certeza, não se poderia pensar que a moça daquela casa era uma pessoa qualquer e é dito que a força milagrosa de Kannon é algo extraordinário que as pessoas do mundo veneram. E é assim que se conta.

Tradução de Lucas Damasceno Endo

---

6 No original como 「蛭蛇及蝮蠍気毒烟火燃」 (ぐわんじやきふふくかつけどくえんくわねん/ ganjakyūfukukatsukedokuenkanen) , com tradução da estrofe completa para o português como “Se serpentes e escorpiões venenosos lhe ameaçam com um sopro de chamas, invocando diligentemente pelo poder de Kannon, ao som de sua voz, eles (as serpentes e escorpiões) se virarão e irão embora...”: excerto do capítulo XXV do Sutra da Flor de Lótus chamado de “O portão universal de Kannon Bosatsu”.

7 供養 (くよう): Serviços cerimoniais realizados devido à morte de alguém. Oferecer algo à alma do (a) falecido (a) e orar pela paz após sua morte.

8 蟹満多寺 (かにまたでら): Localizado em Quioto, no município de Kizugawashi, cidade de Yamashiro.

9 紙幡寺 (かみはたでら): Outro nome para “Kanimatadera” (蟹満多寺).

買龜放男依地蔵得活語





# História 14

## Tomo XVII / Narrativa 26

### Sobre o homem que comprou uma tartaruga, libertou-a e foi salvo pelo Jizō

O agora é passado. No Reino de Ōmi<sup>1</sup>, no distrito de Kōga, morava um homem humilde. Embora fosse pobre e passasse por necessidades, sua esposa sempre era contratada para trabalhos de tecelagem por meio dos quais os dois conseguiam sobreviver.

Nesse ínterim, a mulher conseguiu concluir um trabalho com sucesso e deu-lhe um acabamento impecável. Segurando um pano de 1 *dan*<sup>2</sup>, que havia tecido em segredo com os fios que sobraram de serviços anteriores, ela falou ao marido:

— Por muitos anos, temos sido pobres, passamos por dificuldades e não há nada a ser feito. Mas teci em segredo este pano. E, de acordo com o que tenho ouvido recentemente, no porto de Yabase<sup>3</sup>, há muitos pescadores que fazem trocas por peixes. Sendo assim, vá ao porto levando este pano, pegue os peixes e troque-os por sementes de arroz, pois este ano produziremos 1 ou 2 *tan*<sup>4</sup> de arrozal e, dessa forma, conseguiremos nos manter.

O homem, fazendo conforme a mulher lhe havia dito, foi ao porto de Yabase, levando o pano. Encontrando um pescador,

---

1 Atual província de Shiga, na região de Kinki.

2 1 *dan* seria equivalente à medida de tecido suficiente para coser a vestimenta de uma pessoa adulta. Aproximadamente 3,30m.

3 O Porto de Yabase é até hoje um porto importante da região sudoeste da província de Shiga, na cidade de Kusatsu. Yabase é uma antiga cidade portuária na margem leste do lago Biwa.

4 1 *tan* equivale a aproximadamente 992m<sup>2</sup>.

ele lhe explicou sua história, porém, na rede, não havia peixes, mas sim uma enorme tartaruga que havia sido içada. O pescador imediatamente tentou matá-la. Vendo isso, o homem do pano sentiu uma profunda pena e disse:

— Vou comprar a tartaruga com este pano!

Satisfeito, o pescador aceitou e entregou a tartaruga ao homem que, por sua vez, disse ao animal:

— A vida de uma tartaruga é muito longa. E seja qual for a vida, ela é um tesouro. Mesmo sendo pobre, vou usar este pano para salvar sua vida.

E a libertou na água.

O homem voltou para casa sem nada. Sua esposa, que o estava esperando, perguntou-lhe:

— E então? Trocou o pano pelos peixes?

— Eu acabei salvando a vida de uma tartaruga com aquele pano — o marido respondeu.

Ouvindo isso, a mulher se enfureceu, xingando o homem hostilmente.

Não muito tempo depois, devido a muitas dificuldades enfrentadas, o homem acabou contraindo uma doença e morrendo. O funeral fora realizado nas redondezas de Kane no Yamazaki, ao ar livre, sem qualquer cerimônia de cremação ou sepultamento. Porém, três dias depois, ele voltou à vida. Nesse momento, o Governador do Reino de Iga, dirigindo-se ao seu posto, encontrou o homem ressuscitado. Com muita pena, deu-lhe água diretamente na boca, umedecendo a sua garganta. A esposa do homem, já em casa, ficou sabendo do ocorrido e foi encontrar seu marido, a fim de trazê-lo de volta.

O marido, depois de um tempo, falou para a sua esposa:

— Assim que morri, fui pego por um oficial do governo que me conduziu à força. Passamos por um vasto campo e chegamos ao portal de uma construção. Diante dos portões, podia-se ver um jardim onde havia várias pessoas amarradas. Um medo imensurável tomou conta do meu coração. Então, uma criança monge de aspecto austero aproximou-se, dizendo:

— Sou Jizō Bosatsu. Este homem concedeu-me um favor. E eu concedo graças aos seres vivos. No lago Biwa, no Reino de Ōmi, tomei a forma de uma enorme tartaruga. No entanto, fui pego pela rede de um pescador que estava prestes a me matar, mas este homem, sentindo muita pena, comprou a tartaruga, libertando-me de volta à água. Por isso, este homem deve ser perdoado.



Ouvindo isso, o oficial me libertou. Logo após, o monge virou-se para mim, mostrando-me o caminho de volta e disse:

— Retorna rapidamente ao seu reino de origem. Pratica a benevolência e não cometa maldades.

Durante a volta, avistei uma bela jovem de vinte anos, amarrada e sendo conduzida aos açoites entre dois *oni*. Vendo isso, perguntei à garota:

— De onde você vem?

Chorosa, ela respondeu:

— Sou a filha do líder do distrito de Munakata, no Reino de Chikuzen<sup>5</sup>. Inesperadamente, fui separada de meus pais e, sozinha numa rua escura, os *oni* me prenderam.

Ouvindo isso, senti pena e supliquei ao monge:

— Já passei da meia idade e não me resta muito tempo de vida. Essa moça ainda é jovem e seu futuro é próspero. Por isso, troque-me por ela, perdooando-a.

Ouvindo isso, o monge disse:

— Sua compaixão é realmente profunda. Colocar-se no lugar de um outro para salvá-lo é algo louvável. Por causa disso, perdooarei os dois.

O monge ordenou aos *oni* que libertassem a moça, e, assim, nós dois fomos perdoados. A moça chorou de alegria e jurou lealdade e amizade a mim, indo então por outro caminho.

E, dessa forma, terminou o relato do marido para a sua esposa.

Depois de muito tempo, o homem então pensou: “Vou procurar aquela mulher que vi no *Meido*<sup>6</sup>”. E partiu para Tsukushi<sup>7</sup>. Seguindo o que a mulher havia lhe dito, ele procurou pela casa do líder do distrito de Munakata, no Reino de Chikuzen. E, realmente, a filha do líder era a jovem que lá estava.

— Ela contraiu uma doença e acabou morrendo, mas, dois ou três dias depois, voltou a viver — disse um funcionário da casa.

Ouvindo isso, o homem tratou de falar com a mulher sobre o que ocorrera no *Meido*. Ao escutar o relato, ela ficou atordoada. O homem olhou para a mulher e ela não era diferente daquela que ele vira no *Meido*; a mulher olhou para

---

5 Atual Fukuoka.

6 *Meido* é a estrada cruzada pelas almas que se dirigem ao domínio dos mortos, ou o “inferno” budista.

7 Atual região de Kyūshū.

o homem e ele não era diferente daquele que ela vira. Então, simultaneamente, os dois choraram de emoção e conversaram sobre o ocorrido no *Meido*.

Após isso, ambos fizeram juras de amizade, e o homem retornou ao seu reino de origem. E, no coração de cada um, foi cultivada a devoção ao Jizō Bosatsu. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Luis Guilherme Libaneo de Camargo



僧依毘沙門助令產金得便語





# História 15

## Tomo XVII / Narrativa 44

### Sobre um auxiliar do templo Bishamon que adquiriu recursos ao conceber uma pedra de ouro

O agora é passado. Nos □<sup>1</sup> do monte Hiei, vivia um monge. Apesar de ser um erudito sem igual, ele era absolutamente pobre. Sem ter ao menos um patrocinador que pudesse ampará-lo, ele deixou o monte, partindo em direção à Capital e alojando-se numa localidade chamada Urin'in. Não tendo pais ou protetores, o monge era desprovido de recursos e, por isso, serviu no templo Kurama durante muitos anos, rezando para que obtivesse sua própria subsistência.

Certa ocasião, por volta do vigésimo dia do nono mês, o monge havia se dirigido a Kurama e, no trajeto de volta, quando ele se aproximava da estrada de Izumo, anoiteceu. Um noviço maltrapilho também seguia sozinho pelo mesmo caminho. A lua brilhava, iluminando o trajeto do monge, que apressou o passo e continuou seu caminho. Próximo ao norte da passagem Ichijō, o noviço o acompanhou. O rapaz, que talvez tivesse dezesseis ou dezessete anos, era belo e tinha um porte vistoso, ainda que vestisse um traje branco mal amarrado na altura da cintura. “Uma criança viajando sozinha! É estranho que nenhum monge a esteja acompanhando”, pensou o monge, enquanto se aproximavam um do outro.

— Reverendo, aonde ides? — o noviço quis saber.

— Vou a um lugar chamado Urin'in — o monge respondeu.

— Levai-me convosco — o noviço pediu.

---

1 Parte do texto que falta na versão em japonês.

— Meu rapaz, sem vos conhecer<sup>2</sup>, como eu haveria de vos levar em minha companhia? Mais do que isso: para onde vós ides? Ides à residência de vosso mestre ou à terra de vossos pais? Alegria-me vosso pedido, mas talvez surjam boatos maliciosos depois — o monge ponderou.

— Tendes razão, mas o caso é que cortei laços com o monge que eu conhecia há muito tempo e, desde então, tenho vagado... e isso já faz uns dez dias. Meus pais, que já partiram deste mundo, também me instruíram a acompanhar qualquer um que de mim cuidasse com afeto — o noviço respondeu.

— Vossas palavras muito me alegram. Creio não haver pecado, afinal. Todavia, no local onde moro não há outros noviços ociosos, de modo que achareis tedioso e desconfortável — o monge o advertiu, enquanto caminhavam.

O noviço era belíssimo e encantou o coração do monge. “Tanto faz. Vamos indo”, o monge pensava, enquanto eles se dirigiam juntos a Urin’in. Com uma lanterna, o monge observou o noviço mais atentamente. O rapaz tinha o rosto redondo e pálido, com feições delicadas, de infinita nobreza. Observar o jovem causava ao monge inexplicável felicidade. “Não pode ser! Não há de ser uma criança de origem humilde”, pensou. Dirigindo-se ao jovem, o monge quis saber:

— A propósito, como se chamava vosso pai?

Todavia, ele não obteve resposta. O monge, então, preparou o leito para dormirem.

O monge se deitou de lado e adormeceu, enquanto contava histórias. Ao amanhecer, os monges dos dormitórios vizinhos se deram conta da presença do rapaz e o admiraram com surpresa. O monge, contudo, não tinha a intenção de mostrá-lo aos demais e sequer o deixou sair à varanda. O noviço era adorável e isso

---

2 O uso do pronome de segunda pessoa do plural, bem como dos tempos verbais associados a ele, corresponde, dentro do possível, à linguagem de respeito empregada pelo monge nos diálogos com o noviço. Ainda que a narrativa, inicialmente, dê conta de um jovem ‘maltrapilho’, sua beleza e postura despertam a suspeita do monge de que talvez o jovem tivesse uma origem nobre e, por essa razão, o discurso dirigido a ele é modulado.

inquietava o coração do monge. No entardecer do dia seguinte, ele se aproximou do jovem — que, a essa altura, já se portava como se estivesse familiarizado com a situação — e disse:

— Desde que vim a este mundo, nunca toquei a pele de outra mulher além da de minha mãe. Por isso, não lhe conheço os detalhes. Todavia, é estranha a maneira como me sinto quando me aproximo de vós; é diferente de quando me aproximo de outros juvenzinhos. Meu coração se acalma. Seríeis vós uma mulher? Se fordes,izei. Desde a primeira vez em que vos vi, não sinto vontade de me afastar de vós um momento que seja. É algo fantástico, que não se pode explicar.

O noviço riu:

— É provável que não fôssemos próximos, caso eu fosse uma mulher.

O monge retorquiu:

— Quando penso no que diriam as pessoas se eu andasse acompanhado de uma mulher, não posso deixar de sentir-me envergonhado. Temo, acima de tudo, o julgamento de Buda.

O rapaz argumentou, com uma expressão suspeita:

— Seria isso um pecado aos olhos de Buda? Caso as pessoas nos vissem, diriam apenas que se trata de uma criança. E, ainda que eu fosse mulher, seria o caso de comportarmos-nos como se somente estivéssemos a trocar algumas palavras.

— É, sem dúvida, uma mulher! — concluiu o monge.

O monge se sentiu apavorado e envergonhado, mas estava atraído por ela e, por isso, não a mandou embora. Tendo ouvido tudo isso, ele se despiu em silêncio e pôs-se a dormir. No entanto, o monge era um simples homem e, baixando a guarda, os dois acabaram se aproximando. “Sei que não se trata de uma criança comum, mas não é possível que haja alguém assim. Há de ser o destino”, o monge sempre refletia. E o tempo foi passando. Os monges dos dormitórios vizinhos sempre se questionavam: “Como é possível que um monge tão pobre consiga manter um juvenzinho tão nobre?”.

Nessa época, a jovem passou a se sentir indisposta, perdendo até o apetite. O monge suspeitou, e ela confirmou:

— Sabei que estou grávida.

O monge se irritou ao ouvir a notícia:

— Para os outros, sois um rapazinho. Isso vai me causar um grande aborrecimento. O que farei quando a hora do parto chegar?

Ela respondeu:

— Não façais nada. Não pretendo trazer-vos aborrecimentos. Quando a hora chegar, não conteis nada a ninguém.

O tempo passou, e o monge continuou a se lamentar. Certa noite, a lua cheia surgiu no céu. A jovem se desesperou, dizendo impropérios e chorando descontroladamente. O monge também se desesperou, lamuriando-se.

— Já estou sentindo as dores. O bebê vai nascer — a jovem anunciou ao monge, que, aos berros, afligia-se.

— Não griteis assim.

— Abri um tatame no *tsuboya* — a jovem instruiu.

Assim o monge fez. Ela se acomodou sobre o tatame e, logo, o bebê nasceu. Despindo-se, ela cobriu o recém-nascido com as próprias vestes, como se estivesse colocando-o para dormir. Sem que ninguém visse, a mãe saiu e desapareceu. O monge, desconfiado, aproximou-se do bebê, puxou-lhe a manta lentamente e espiou: não havia criança, apenas uma pedra enorme como um travesseiro. Apavorado, o monge pensou tratar-se de um mau presságio. Entretanto, quando amanheceu, ele percebeu que a pedra emitia um brilho dourado. Olhando mais atentamente, ele viu que era de ouro. Desde o sumiço da jovem, o monge passou a ter visões dela, como se eles estivessem juntos, pois ele a amava, e o seu desaparecimento o entristecia. Contudo, ele atinou que talvez o templo Bishamon o estivesse procurando. Então, ele lascou a pedra e vendeu as pepitas, adquirindo, assim, os recursos que nunca tivera.

Terá sido assim que passaram a chamar de *kogane* o ouro que antes chamavam de *kigane*<sup>3</sup>?

Eis, portanto, o relato do monge aprendiz. E é assim que se conta o fato incrível e misterioso ocorrido no templo Bishamonten.

Tradução de Thiago Cosme de Abreu

---

3 Trata-se de um jogo de palavras para narrar a etimologia do termo que a narrativa emprega. Etimologicamente, *kigane* é formado pelos termos *ki* (amarelo) e *kane* (metal). A substituição de *ki* por *ko* diz respeito à grafia do termo em ideogramas chineses, em que *ko* é a leitura do ideograma de ‘criança’.



六宮姫君夫出家語





# História 16

## Tomo XIX/ Narrativa 5

### Sobre o marido da princesa de Rokunomiya que se tornou monge e renunciou ao mundo

O agora é passado. Havia uma pessoa conhecida como □<sup>1</sup>, vice-oficial do Ministério de Assuntos Militares<sup>2</sup>, descendente de uma antiga linhagem imperial e que morava num local chamado Rokunomiya<sup>3</sup>. Possuía sentimentos □<sup>4</sup> e tinha costumes antigos. Preferindo manter-se afastado do convívio social, ele morava na ala leste<sup>5</sup> que restara da ampla

- 
- 1 Omissão do nome próprio. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 11, p. 515.
  - 2 Refere-se a *Hyōbu-no-Daibu*. Identidade desconhecida. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 10, p. 515.
  - 3 Localidade desconhecida. Em *Kohon Setsuwashū*, lê-se “nas proximidades da Quinta Avenida”.
  - 4 Conforme texto de *Kohon Setsuwashū*, provável omissão da palavra *ate*, “nobre, elegante”. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 12, p. 515.
  - 5 Refere-se a uma das alas que compõem a residência dos nobres em estilo *Shindenzukuri*. A residência ocupava a parte norte e era formada por um grupo simétrico de construções ligadas por corredores, tendo ao centro o edifício principal (*shinden*), cujo interior era constituído por três partes: o recinto principal (*moya*) rodeado pelas galerias (*hisashi*) e pelas varandas (*sunoko*). A metade sul era ocupada por um pátio interno para as cerimônias oficiais e por um jardim com um lago artificial e ilhotas ligadas por pontes. A ala leste era vizinha ao edifício principal. Pelo contexto, presume-se

residência cercada de altas árvores que recebera do pai. Estava com pouco mais de cinquenta anos e tinha uma filha. Ela tinha pouco mais de dez anos, era de uma beleza ímpar e, a começar pelos seus cabelos, sua aparência e seus modos eram perfeitos. Possuía natureza refinada e jeito gracioso. Distinguindo-se, portanto, pela sua beleza, estava à altura de ser cortejada pelos mais renomados jovens da nobreza. Entretanto, sendo completamente desconhecida na sociedade, não havia ninguém que pudesse intermediar um encontro. O pai, que pensava à moda antiga, agia com reservas: “Seja como for, não posso tomar a iniciativa. Só se alguém trouxer alguma proposta”. Às vezes, ele almejava um magnífico matrimônio para a filha<sup>6</sup>, mas a sua precária situação econômica<sup>7</sup> o impedia de levar esse plano adiante. Então, ele e a esposa sentiam imensa pena da filha e a colocavam para dormir entre eles, ensinando-lhe o que sabiam. Ela não tinha uma ama de leite confiável nem irmãos com quem contar. Por isso, era fonte de irrestrita preocupação. Os pais nada podiam fazer senão chorar, lamentando esse fato.

Enquanto assim viviam, o pai e a mãe faleceram sem mais, um atrás do outro. Diante disso, imaginem o estado da princesa! Sentindo-se completamente perdida, não havia nada no mundo que pudesse se igualar a sua profunda tristeza. Contudo, os dias se passaram e a princesa tirou as vestes de luto. Ela não podia se abrir nem mesmo com sua ama de leite, pois seus pais sempre lhe diziam que não podia contar com ela. E assim, enquanto deixava-se levar pelo passar dos anos, os magníficos móveis e utensílios domésticos herdados dos antepassados desapareceram, sem que se percebesse, pois a ama de leite os passara para mãos alheias. Desse modo, a princesa permanecendo num estado de penúria, sentia-se totalmente desamparada e triste.

Um dia, disse a ama de leite:

---

que a família estava morando na ala leste, devido ao estado precário do edifício principal.

6 Casá-la com um nobre ou enviá-la ao palácio como uma das consortes imperiais.

7 Os custos do casamento eram arcados pela família da mulher.

— Certa pessoa apresentou-se através do meu irmão que é monge. Foi Governador da província de □<sup>8</sup>, tem pouco mais de vinte anos, belas feições e boa índole. O pai dele também é atualmente um Governador Provincial e, como descendente de alguém que era até recentemente um alto dignitário, é uma pessoa fina<sup>9</sup>. Essa pessoa ouviu falar sobre a princesa e quer conhecê-la. É uma pessoa digna para frequentar seus aposentos. Acho que seria bem melhor do que continuar assim tão desamparada.

Diante disso, a princesa nada pôde fazer senão chorar com os cabelos a cobrir-lhe o rosto. Logo após, a ama de leite foi intermediária várias vezes das cartas enviadas pelo jovem, mas como a princesa não queria nem as ver, fez com que uma das jovens damas de companhia escrevesse as respostas em seu lugar e as enviou de volta ao homem. Depois de algumas trocas de carta, o jovem marcou uma data para visitá-la e a princesa não teve como recusar, iniciando uma relação. Diante de tão rara beleza, era natural que ele se sentisse totalmente encantado. Sendo de origem bastante ilustre, o jovem possuía fina aparência e caráter.

A princesa, não tendo ninguém com quem contar, seguia com o apoio desse jovem, até o dia em que o pai dele foi nomeado Governador da Província de Michi no Oku<sup>10</sup>. A ida para a província foi marcada rapidamente para a primavera, e, “sendo homem, não havia porque permanecer na Capital”, razão pela qual o jovem acompanhou o pai<sup>11</sup>. Ele não suportava a ideia de deixar a esposa

---

8 Omissão do nome da província. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 19, p. 516.

9 Em *Kohon Setsuwashū*, encontra-se a palavra *ate*, “nobre, elegante”. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 23, p. 517.

10 Conhecido também como Mutsu, corresponde às atuais províncias de Aomori, Iwate, Miyagi e Fukushima.

11 Para que os filhos homens maiores de vinte e um anos pudessem acompanhar o pai em caso de nomeação deste para alguma província, era preciso uma permissão especial, mas na época de *Konjaku Monogatarishū*, essa lei provavelmente havia perdido seu sentido, devido ao enfraquecimento do Sistema *Ritsuryō*. Cf.: MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2, Coleção Nihon Koten*

e queria levá-la consigo, mas sua relação ainda não havia sido reconhecida pelos pais, por isso não teve coragem de dizer-lhes que levaria a jovem junto. Enquanto seguia, assim, aflito, chegou o dia da partida e o jovem despediu-se aos prantos, partindo para Michi no Oku e prometendo compromisso futuro. Chegando à província, ele quis enviar-lhe uma carta imediatamente, mas não tendo como fazê-lo, passava os dias angustiado, até que meses e anos transcorreram.

Ao término da gestão do pai, o jovem estava ansioso para retornar à Capital, mas □<sup>12</sup>, Governador de Hitachi<sup>13</sup>, bastante influente em sua província, havia enviado mensageiros por diversas vezes, mostrando o desejo de receber o jovem como seu genro. Bastante satisfeito com a proposta, o Governador de Michi no Oku enviou o filho para Hitachi. Assim, além dos cinco anos em Michi no Oku, o jovem permaneceu três ou quatro anos em Hitachi, transcorrendo ao todo sete ou oito anos. Sua esposa de Hitachi era jovem e bastante atraente, mas não se comparava com a esposa da Capital, por isso, seu pensamento estava sempre voltado para lá e, dia e noite, sofria de saudades, mas nada podia fazer. Fez questão de enviar cartas para a Capital, mas ora a carta era trazida de volta por não ter sido encontrado o local, ora o mensageiro acabava ficando na Capital, não retornando com a resposta.

Com o passar do tempo e terminada a gestão, o Governador de Hitachi regressou para a Capital, e o genro o acompanhou. Durante o caminho de volta, o jovem não aguentava de ansiedade, até que chegaram a Awazu<sup>14</sup>, onde tiveram de permanecer por dois ou três dias, à espera de um dia propício para entrar na

---

*Bungaku Zenshū* 22. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 1, p. 518.

12 Omissão do nome próprio. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarihū* 2. Coleção *Nihon Koten Bungaku Zenshū* 22. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 7, p. 518.

13 Corresponde à atual província de Ibaraki.

14 Localidade que abrange a parte sudeste da atual cidade de Ōtsu, na província de Shiga, e a região do lago Biwako. Era local de se descansar e fazer os preparativos para adentrar na Capital, quando se viajava pela estrada Tōkaidō.

Capital<sup>15</sup>. Essa espera foi ainda mais angustiante do que aqueles anos todos. Chegando o dia, esperaram anoitecer, pois não era apropriado<sup>16</sup> adentrar durante o dia. Tão logo chegou à Capital, o jovem mandou a esposa para a residência do pai, Governador de Hitachi, e, com as vestes de viagem, apressou-se em direção a Rokunomiya. O muro de barro, que, embora em estado lastimável, existia antigamente, havia sumido, restando algumas pequenas casas. Não havia nem sinal do imponente portal com quatro colunas que outrora ali se erigiam e, tampouco, da ala principal da residência. A edificação de madeira que restou do escritório já estava tombada. O lago onde era cultivada a planta aquática *nagi*<sup>17</sup> estava seco e não lembrava nem de longe um lago. Não se via também algumas das belas árvores por terem sido cortadas. Diante de tal quadro, ele ficou apreensivo e muito preocupado, mandando que procurassem na vizinhança alguém que soubesse o que acontecera. No entanto, não havia ninguém que pudesse dar alguma informação.

Parecendo haver alguém morando nas ruínas do escritório, o homem aproximou-se e chamou até que uma monja apareceu. Com a claridade do luar, viu-se que era a mãe de uma das criadas da princesa. Sentado sobre uma das colunas tombadas da residência, o jovem chamou a monja e perguntou-lhe:

— O que aconteceu com a pessoa que morava aqui?

Todavia, a monja relutava em lhe responder.

“Parece que não quer me revelar”, pensou ele. Como já passava do meio do décimo mês e a monja parecia estar com muito frio, o jovem desvestiu um dos quimonos e ofereceu-lhe. Completamente desnorteada, ela indagou:

— Quem sois e por que estais me dando isso?

O jovem lhe disse:

---

15 Prática comum na época. A entrada para a Capital era feita no dia considerado auspicioso.

16 A prática de os viajantes adentrarem na Capital depois de escurecer, evitando serem vistos, é citado em outras obras da época.

17 *Monochoria korsakowii*: Planta aquática encontrada em locais úmidos ou cultivada em arrozais. É comestível e utilizada também para tingimento.

— Olhai! Sou eu. Esqueceste de mim? Eu jamais me esqueci de vós.

A monja chorou copiosamente, soluçando. Passado algum tempo, ela relatou, aos prantos:

—Eu não disse nada, pois pensei que éreis um desconhecido. Vou contar exatamente como tudo se sucedeu. Podeis me perguntar. Por cerca de um ano depois que vós partistes para a província, as damas e as criadas continuaram aqui, na expectativa: “Será que ele enviará uma carta?”, mas, como não houve nenhum contato, pensamos: “Deve tê-la esquecido completamente”, e os dias foram, assim, passando, e, devido à morte do marido da ama de leite, após cerca de dois anos<sup>18</sup>, não havia mais ninguém que pudesse manter a residência, e todos da casa acabaram se dispersando por aí. O edifício principal foi destruído para ser usado como lenha pelos empregados e acabou ruindo. A ala em que a princesa estava também foi sendo destruída pelas pessoas que passavam pelo local e acabou desabando devido aos fortes ventos do ano passado. A princesa □<sup>19</sup> em dois ou três aposentos da antiga casa dos guardas, e vivia de forma precária. Eu pensei: “Caso a minha filha acompanhe seu marido para a província de Tajima<sup>20</sup>, eu ficarei sozinha na Capital sem ninguém com quem contar”, por isso fui junto para lá, mas, no ano passado, fiquei preocupada com a princesa e retornei, mas não havia nem sinal da moradia. Como não sabia do paradeiro da princesa, indaguei aos conhecidos e eu mesma estou à sua procura, mas não sei dizer onde ela se encontra.

Ao ouvir isso, o jovem caiu em profunda tristeza e se foi, aos prantos.

---

18 Se interpretado como “duas pessoas” conforme está no texto, ficaria estranho, com o sentido de “após perder dois maridos”. Preferiu-se, então, seguir o texto de *Kohon Setsuwashū* que diz “dois anos”. Cf.: MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatari-shū 2, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 13, p. 520.

19 Provavelmente, omissão intencional de algum termo como “acomodar-se”. Cf.: MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatari-shū 2, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 20, p. 521.

20 Corresponde à parte norte da atual província de Hyōgo.

Retornou uma vez para casa enquanto pensava “vou procurá-la onde meus pés e mãos me levarem”, mas, sem a princesa, parecia que a vida não tinha mais sentido. Ele se vestiu com calçados de palha e chapéu como se fosse fazer visitas a templos e andou para lá e para cá, sem sucesso. Considerando: “Ela pode estar no lado oeste da Capital”, seguiu a Segunda Avenida Nijō rumo ao oeste, beirando um grande cercado, quando, lá pelas cinco horas, o céu escureceu de repente e uma fria chuva de fim de inverno começou a cair forte, levando-o a pensar: “Vou me abrigar no canto oeste da parte frontal do Portal Suzaku<sup>21</sup>”. E quando lá chegou, sentiu que havia alguém do outro lado da janela de treliça. Deu uma espiada, aproximando-se devagar, e viu duas pessoas rodeadas por esteiras imundas. Uma era uma monja idosa e a outra, uma jovem extremamente magra, pálida e de aspecto sombrio, que estava deitada sobre um pedaço de esteira suja. Estava coberta com uma veste rota como se fosse para um boi, cobria a região do quadril com um uma esteira puída e usava o braço como travesseiro. Ele pensou: “Mesmo nesse estado deplorável, dá para notar que se trata de alguém de origem □<sup>22</sup>”. Intrigado, aproximou-se para ver melhor e percebeu que era a pessoa que procurava. Ficou olhando fixamente, aturdido como se seu coração fosse parar, quando ela recitou com uma voz graciosa e □<sup>23</sup>:

— *O vento das frestas / gelava outrora meu braço / feito travesseiro / Hoje o corpo nada sente / tão acostumado à dor*<sup>24</sup>.

---

21 Sujaku ou Suzaku: portal que ficava na extremidade sul do Palácio Imperial.

22 Omissão do termo *ate*, “nobre, elegante”, conforme *Kohon Setsuwashū*. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 18, p. 522.

23 Omissão do atermo *ate*, “nobre, elegante”, conforme *Kohon Setsuwashū*. Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū 2. Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshū 22*. Tokyo, Shōgakukan, 1972, nota 20, p. 523.

24 たまぐらの すきまの風も さむかりき みはならわしの ものにぎり けり (*tamakurano / sukimano kazemo/ samukariki/ miwa narawashino/ mononizarikeri*). Poema inserido na antologia *Shūishū* (com pequena variação), tomo 14, Amor 4. Título e autor desconhecido. Deitar sobre o braço como se fosse travesseiro era uma prática comum entre os casais.



Ao ouvir a voz, o homem teve a certeza de que se tratava de sua esposa desaparecida e, totalmente atordoado, aproximou-se, retirou a esteira e pegou-a nos braços, dizendo:

— Por que estais assim nesse estado? Andei por todos os lados, tentando vos encontrar!

Quando a mulher olhou para ele, exclamou:

— Então, vós sois mesmo aquela pessoa que partiu para longe?

Quando se deu conta da realidade, talvez não resistindo à vergonha, a moça perdeu os sentidos e morreu. Ele continuou com a jovem nos braços por algum tempo, pensando: “Quem sabe ela volta à vida”, mas como seu corpo esfriou e enrijeceu, desistiu de esperar. Não voltou para casa e dirigiu-se para o monte Atago<sup>25</sup>, cortou o *motodori*<sup>26</sup> e tornou-se monge budista.

Como sua crença religiosa era muito firme, exerceu sua fé dignamente. Não é de hoje que as pessoas se tornam monge, renunciando ao mundo. Isso é algo determinado desde a vida passada.

Esta história não foi transmitida em suas minúcias, mas está inserida no escrito denominado *Man'yōshū*<sup>27</sup>, e assim está relatada. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Luiza Nana Yoshida

---

25 Localiza-se a noroeste de Quioto e era bastante visitado por religiosos e fiéis.

26 *Motodori* (髻) - rabicho no alto da cabeça usado pelos homens.

27 *Man'yōshū* (万葉集) – antologia poética do século VIII.

鴨雌見雄死所來出家人



# História 17

## Tomo XIX / Narrativa 6

### **Sobre o homem que abdicou da vida mundana ao comover-se com o local em que a fêmea de pato selvagem estava vendo o macho morto**

O agora é passado. Quando esta história se passou exatamente, não se sabe. Na Capital, havia um jovem samurai de baixa patente. Sua casa era extremamente pobre e mal possuía recursos para viver.

Nessa situação, sua esposa deu à luz e pediu-lhe carne para comer. No entanto, o marido, muito miserável, não tinha como consegui-la. Não havia também alguém a quem pudesse pedir no campo ao redor e nem dinheiro com que pudesse comprá-la na cidade. Dessa forma, o homem, pensando com afinco, decidiu, antes que o dia acabasse, sair de casa sozinho com apenas um arco e duas flechas. “Vou ao lago e lá acertarei um pássaro para dar de comer a minha mulher”, pensou o jovem. Enquanto analisava a qual lugar deveria ir, pensou: “Ah! O lago Mimidoro<sup>1</sup> é um lugar distante. É para lá que eu vou!”. Aproximou-se das margens do lago até chegar perto de algo que parecia escondido no matagal. Era um casal de patos selvagens que não parecia perceber a presença humana. Mirando-os, o jovem acertou o macho. Radiante de alegria, desceu até o lago e o recolheu, retornando com pressa para casa. No retorno, viu o sol se pôr e a noite cair. Muito feliz, contou à esposa o que se passara e,

---

1 Lago em um distrito ao norte da cidade de Quioto.

pensando que iria preparar a carne na manhã seguinte para ela comer, deixou o pássaro fincado no varal de secar roupa.

Lá pela madrugada, o marido começou a ouvir um bater de asas do pássaro pendurado. Então, pensou “será que ele voltou a viver?” e se levantou. Acendeu o fogo na lamparina e foi verificar o que havia acontecido. Foi quando viu que, ao lado do pato morto, estava a fêmea viva batendo as asas. “De tarde, enquanto ela procurava por alimento no lago, viu o macho ser atingido. Sentindo sua falta, seguiu-me até aqui para pegá-lo”, pensou o jovem samurai. Logo em seguida, o homem se viu tocado por grande arrependimento e piedade.



A fêmea, mesmo vendo o homem com a lamparina acesa, não sentiu medo de morrer e ficou ao lado do pato. Observando essa cena, o jovem pensou: “Mesmo sendo um animal, está aqui dessa forma sem temer pela própria vida, por amar seu marido. E eu, mesmo sendo um homem, por amar muito minha esposa, acabei por matar um pássaro para dar-lhe de comer...”

Sentindo grande agonia, o samurai acordou a esposa e contou-lhe o ocorrido. Vendo a cena dos pássaros, ela sentiu uma tristeza sem limite. Por fim, após o amanhecer, os dois não comeram a carne do pato. O marido, por sentir grande arrependimento e piedade ao pensar nesse fato, foi a um respeitável templo do monte Atago<sup>2</sup>, cortou seu cabelo, abdicando da vida mundana, e posteriormente se tornou um monge reverenciado. Depois disso, levou uma vida estritamente santa sempre fazendo suas preces a Buda.

Pensando sobre o ato cometido, o crime de tirar a vida é grave. No entanto, é por causa dele que surge a motivação que leva uma pessoa a fazer votos de abdicar da vida mundana. É por isso que tudo tem uma causa e uma consequência. E é assim que se conta.

Tradução de Olivia Yumi Nakaema

---

2 Nome atual da montanha no distrito de Ukyō, ao norte da cidade de Quioto.



東大寺僧於山死僧語





## História 18

### Tomo XIX – Narrativa 19

#### A história de um monge do templo Tōdaiji que foi colher flores e encontrou um monge-morto



O agora é passado. Havia um monge que era interno no templo Tōdaiji. Certo dia, com a intenção de colher flores, ele caminhou rumo ao sentido leste e, ao adentrar a montanha, acabou se perdendo. Sem saber onde estava, perambulou de um lado para outro

com a sensação de sonhar. “O que aconteceu? Será que encontrei a divindade da perdição? Aonde será que esse caminho vai me levar? Que estranho!”, pensou. E enquanto caminhava a esmo, encontrou uma construção com telhado de cobertura lisa e plana, e que parecia um corredor que ligava duas alas residenciais. Ao se aproximar dessa construção, viu que era um alojamento dos monges internos com várias dependências. Apesar de amedrontado, ele entrou no recinto e reconheceu um monge-falecido, que morara por muitos anos no templo Tōdaiji. Ao vê-lo ali, o monge entrou em pânico. “Este monge está aqui porque deve ser um espírito do mal”, pensou. O monge-morto fitou-o e indagou:

— Por que você está aqui? Este não é um lugar fácil de se encontrar. É muito estranho.

O monge que se perdeu no caminho respondeu:

— Eu fui até a montanha colher flores e, de repente, eu me perdi na estrada e, sem saber o que houve, continuei caminhando como se estivesse sonhando.

O monge-morto falou:

— Mesmo assim, estou realmente feliz em vê-lo.

E, dito isso, o monge-morto chorou copiosamente. O outro monge continuava com medo, mas, ao ver semelhante reação, retribuiu as palavras.

— Eu também estou muito feliz em encontrá-lo — disse ele começando a chorar.

O monge-morto o instruiu:

— Fique bem escondido e dê uma espiada pelo buraco da parede. Veja o castigo que recebo. Quando eu vivia no templo e ficava ocioso, eu passava o dia comendo as refeições dos monges e, quando estava com preguiça, nem me dava ao trabalho de entrar no templo ou estudar. A punição por essa minha conduta é receber diariamente, uma vez por dia, o castigo de um sofrimento atroz. É chegada a hora.

Assim que disse isso, o rosto do monge-morto empalideceu e as expressões de dor e sofrimento estamparam a sua face. Ao ver a mudança naquele semblante, o outro monge também ficou aterrorizado de medo.

O monge-morto disse com uma voz débil:

— Rápido, esconda-se neste quarto e espie pelo buraco da parede.

O outro monge entrou no quarto, fechou a porta e ficou espiando pelo buraco da parede, conforme o outro lhe aconselhara a fazer, quando viu descer do céu cerca de quarenta a cinquenta seres de aspecto medonho com um tecido<sup>1</sup> amarrado na testa e que pareciam chineses. Assim que chegaram voando do céu, rapidamente cavaram a terra e fincaram estacas utilizadas para punir ladrões. Em seguida, acenderam a fogueira, colocaram uma panela de ferro e, dentro dela, derreteram cobre. Dentre aqueles seres, havia três que pareciam ser os líderes do grupo e que estavam sentados numa banqueteta, um ao lado do outro. Atrás deles havia inúmeras bandeiras vermelhas. Aquilo tudo não era coisa deste mundo.



---

1 Tecido dobrado em formato triangular e amarrado nas laterais da cabeça. Indica que é um ser que pertence ao mundo dos mortos.

Os líderes ordenaram com um tom de voz extremamente medonho:

— Tragam todos aqui rápido!

E imediatamente dois ou três subalternos saíram correndo e entraram no alojamento dos monges. Um tempo depois, dez monges atados em cordas de intensa coloração vermelha foram trazidos em fila, como contas de um rosário budista. Dentre eles, alguns rostos eram conhecidos e outros, não. Eles foram levados até as estacas e cada um foi preso em uma. Havia o número exato de estacas para a quantidade de monges e, por isso, não sobrou nenhuma. Todos foram presos de modo a não poderem se mexer. Depois, os subalternos enfiaram um enorme par de *hashi* de ferro na boca deles para mantê-las totalmente abertas. Feito isso, colocaram o cobre derretido numa comprida chaleira de ferro com bico e derramaram dentro das bocas desses monges. Ato contínuo, o cobre derretido começou a sair pelo ânus. Labaredas saíam dos olhos, ouvidos e nariz. E as articulações fumegavam. Todos os monges choravam e gritavam em profunda agonia. Após beberem todo o cobre derretido, as cordas foram desatadas e cada monge voltou para o seu recinto. Depois, esses seres voaram para o céu e desapareceram. O monge que assistiu à cena escondido no quarto, estava agachado no chão e, morrendo de medo, cobria a cabeça com a veste.



Um tempo depois, quando o monge-morto voltou e abriu a porta do quarto, o monge se levantou e notou o sofrimento estampado no rosto do outro. Este, por sua vez, indagou:

— Você viu?

O monge que se perdeu quis saber:

— Desde quando e por que o senhor precisa sofrer desse jeito?

O monge-morto respondeu:

— Quando eu morri, vim morar aqui. Na época em que eu vivia no templo, eu recebi, a bel-prazer, uma doação recebida de um adepto do templo e, na ocasião, não retribuí condignamente a sua bondade. Por isso, recebo essa punição. Mas, como eu não cometi uma falta grave, não fui para o inferno. Pois então, vá embora logo!

O outro monge obedeceu, seguiu por uma estrada e, desta vez, ele conseguiu voltar com segurança para o templo Tōdaiji.

“Eu também estava propenso a receber esse tipo de condenação, mas Buda me salvou ao me mostrar como é horrível a punição que me espera”, o monge pensou dias depois do ocorrido. Diante dessa experiência, sua fé em Buda foi renovada e, desde então, ele deixou de receber as doações como se fossem suas e confessou haver recebido doações anteriores. Ele se tornou um ilustre monge que praticou fervorosamente o ascetismo. E assim foi dito.

Tradução de Shirlei Lica Ichisato Hashimoto



天竺天狗聞海水音渡此朝語





# História 19

## Tomo XX / Narrativa 1

### Sobre o Tengu<sup>1</sup> de Tenjiku<sup>2</sup>, que ouviu o som saindo da água e atravessou o mar ao Reino de Chō<sup>3</sup>

O agora é passado. Em Tenjiku, havia um Tengu. No caminho indo de Tenjiku a Shindan<sup>4</sup>, na água do mar, estava a ser entoado o seguinte sutra:

*Shogyō mujō/ zeshō meppō/ shōmetsu metsui/  
jakumetsu iraku<sup>5</sup>*

*Tudo é impermanente: todas as coisas mudam.*

*Tudo que é vivo encontra a decadência: esta é a lei.*

- 
- 1 Tengu é uma figura do folclore japonês com asas e corpo de homem. Tengu pode ser visto como um *keshin* (avatar) ou transformação de uma divindade da montanha (*yama no kami*). Na literatura medieval japonesa, é visto como inimigo do budismo, atrapalhando os monges nas suas tarefas e virtudes. Pode ser visto como detentor de poderes demoníacos e ilusionistas, mas, em outros casos, pode ser visto como um ente protetor benigno com poderes sobrenaturais (Fonte: REISCHAUER, Edwin Oldfather (comp.). *Japan: An Illustrated Encyclopedia*. Tóquio: Kodansha, 2002 [1993]. Versão digital disponível em Japan Knowledge: <<http://www.japanknowledge.com>>. Acesso em: 11 jul. 2017).
  - 2 Tenjiku corresponde à atual China.
  - 3 Reino de Chō corresponde ao Japão.
  - 4 Shindan (ou Shintan) é o nome budista dado à região da China. Em sânscrito é chamado de Sthana.
  - 5 Esse trecho compõe o *Nehankyō*, o Sutra do Nirvana, chamado de *Mahāparinirvanā* em sânscrito.

*Transcender o mundo decadente.  
Ultrapassando o sofrimento mundano e alcançando o  
mundo do nirvana,  
Consegue-se a paz de espírito.*

O Tengu ouviu o sutra e se surpreendeu enormemente. Então, pensou: “Deve ser algo muito poderoso a entoar esse sutra que ressoa das águas do oceano. Vou descobrir o que há por trás dessa água e fazer o que for preciso para atrapalhar”.

E foi assim que, seguindo o som da água, ele veio até Shindan, onde o sutra continuava a ressoar com a mesma intensidade.



Em seguida, o Tengu atravessou a China, chegando até as proximidades da fronteira com o Japão, onde também se podia ouvir o som com a mesma força. Ali, passou pelo porto de Hakata em Kyūshū e, parando no Moji no Seki<sup>6</sup>, pôde ouvir o som ainda um pouco alto.

O Tengu, cada vez mais intrigado, enquanto procurava a origem do sutra, foi atravessando os reinos do Japão e chegando ao estuário do rio Yodogawa. Seguiu acompanhando esse rio e o som foi ficando cada vez mais alto. Ao passar do rio Yodogawa ao rio Uji, ressoava ainda mais forte. Subindo mais ainda o rio, no lago Ōmi, o sutra estava mais intenso. Entrando no canal que sai da região de Yogawa do monte Hiei, tornou-se ensurdecedor. No alto do rio estavam Shiten'nō<sup>7</sup>, Dharmapala e outras divindades protegendo a água. De tão assustado, o Tengu não conseguiu se aproximar e ficou ouvindo.

Um pouco depois, a uma das entidades protetoras um pouco menos poderosas que estavam por perto, o Tengu perguntou com forte temor:

— Por que nesta água ecoa esses sutras tão profunda e respeitavelmente imponente?

A entidade respondeu:

— Este rio é formado pela água que vem das cloacas dos templos onde muitos monges aprendem os ensinamentos no monte Hiei. Por isso, é que os sutras são ressoados nessa água e, assim, as entidades divinas protegem essa montanha. Ouvindo isso, o Tengu foi perdendo o seu desejo de atrapalhar. “Até mesmo na água que vem da cloaca ressoa profundamente esses ensinamentos! Nossa! Então

---

6 Moji no Seki é a atual região de Mojikō, na Província de Fukuoka, próxima de Shimo no Seki.

7 Shiten'nō são os quatro reis do céu. São os deuses protetores das calamidades naturais e invasões. *Caturmahārāja* em sânscrito.

os monges dessa montanha devem ser muito respeitáveis mesmo! Não há nada que eu possa fazer para atrapalhar. Sendo assim, vou me tornar um monge daqui também”, decidiu e desapareceu.

Depois disso, o Tengu transformou-se no filho do príncipe Hyōbu no Kyō no Ariake, filho do Imperador Retirado Uda<sup>8</sup>, ao alojar-se no ventre de sua consorte e nascer. Como havia decidido, tornou-se um monge reverenciado dessa montanha. Seu nome era Myōgu, a “Luz Salvadora”. Por ser um discípulo do *sōjō*<sup>9</sup>, Enjō destacou-se facilmente entre os monges e chegou até a se tornar também um *sōjō*. Era chamado de “*Sōjō* do Templo Terra Pura (Jōdōji)”<sup>10</sup> e “*Sōjō*-que-só-comia-soja”. E é assim que se conta.

Tradução de Olivia Yumi Nakaema

---

8 De acordo com pesquisas, Hyōbu no Kyo no Ariake era o sétimo filho do Imperador Daigo (885-930). O Imperador retirado Uda (867-931), quinquagésimo nono imperador é pai do Imperador Daigo. (Cf. MABUCHI, K. e outros. *Konjaku Monogatarishū. Coleção Shinpen Nihon Koten Bungaku Zenshū* 37, 3ª. reimpressão, Tomo 20. Tóquio: Shōgakukan: 2008 [2001], p. 26. Nota 15).

9 Monge de mais alto nível hierárquico.

10 Terra Pura diz respeito à religião Jōdōshū, umas das vertentes do budismo de devoção ao Buda Amida, que tinha como objetivo popularizar o budismo até então reservado à aristocracia (FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão. Dicionário e Civilização*. São Paulo: Globo, 2008).

仙眼寺仁照阿闍梨房託天狗女來語



# História 20

## Tomo XX – Narrativa 6

### Sobre uma mulher assombrada por um goblin Tengu que visita a morada de Ninshō, o eminente monge do templo Butsugenji

O agora é passado. Havia um templo budista conhecido como Butsugenji, situado nas montanhas ao leste da capital Heiankyō. Nele, morava um *ajari*, monge de alta hierarquia, chamado Ninshō. Ele era um monge muito nobre. Durante muitos anos, *ajari* praticou o ascetismo diligentemente e nunca saía do templo, mas em uma ocasião, inesperadamente, uma mulher visitou-o em sua cela. Ela era a esposa de um artesão em folhas de ouro, que morava nos arredores de Shichijō e tinha cerca de trinta a quarenta anos de idade. A mulher colocou arroz cozido seco em um cesto, trazendo também sal grosso, algas *wakame*, dentre outros alimentos, e ofereceu-os ao *ajari* com palavras habilidosas:

— Os rumores dizem que sois um monge elevado. Vim com a intenção de servir-vos. Atividades como cuidar das roupas e vestir-vos são extremamente fáceis para mim.

E após isso, ela se foi.

Mais tarde, *ajari* refletiu com estranheza: “Quem seria e de onde teria vindo aquela pessoa que surgira de forma tão inesperada?”. Cerca de vinte dias depois, a mesma mulher o visitou. Dessa vez, ela também colocou arroz branco no cesto de alimentos, o bolinho de arroz *mochi* no recipiente de madeira redondo para arroz cozido, frutas e outras iguarias, e fez uma serva carregar tudo na cabeça. Tendo a sua visita se tornado



frequente, *ajari* ficou compadecido com aquele sentimento de devoção demonstrado pelas vindas constantes e, por volta do sétimo mês, essa mulher voltou fazendo a serva trazer pepinos, pêssegos e outras comidas.

Nessa ocasião, não havia nenhum monge deste templo que não tivesse ido a Heiankyō. A mulher, vendo que *ajari* estava sozinho, disse:

— Não há mais ninguém no templo? Não vejo sinal de outras pessoas.

*Ajari* respondeu:

— Um ou dois monges tiveram um compromisso e foram a Heiankyō. Devem voltar logo.

Nisso, a mulher prosseguiu:

— Qual é a hora mais oportuna para visitar-vos? Na verdade, tenho vindo várias vezes porque gostaria de vos dizer algo, mas, como sempre há alguém por perto, acabei não falando. Contudo, tenho algo muito importante para contar.

A mulher o levou a um lugar isolado. Enquanto *ajari* pensava sobre qual poderia ser o conteúdo daquela conversa, aproximou-se da mulher para ouvi-la. Esta, por sua vez, segurando *ajari*, disse-lhe:

— Durante longos anos, tenho tido a honra de admirar-vos do fundo do meu coração. Por favor, ajudai-me.

E então, ela começou a aproximar cada vez mais o seu corpo do dele. *Ajari*, surpreendido, tentava desvencilhar-se, dizendo:

— O que é isso? O que é isso?

No entanto, a mulher abraçando e agarrando *ajari*, limitava-se a falar:

— Por favor, ajudai-me...

*Ajari*, desculpando-se, proferiu:

— Parai! Eu já entendi. Vou ouvir o que tendes a dizer. É simples, porém, isso tudo é inútil se vós não falardes antes com Buda.

E ele foi pondo-se de pé. A mulher, pensando que o monge continuaria tentando escapar, segurou-o e levou-o até o *jibutsudō*, pavilhão do altar budista.

*Ajari* foi para a frente de Buda e disse:

— Eu, inesperadamente, tornei-me cativo de uma entidade maligna. Por favor, ajudai-me, Fudō-sama<sup>1</sup>.

Ele pressionou o rosário budista *juzu* a ponto de quebrar suas contas e, com fervor, bateu a testa no chão de madeira em posição de adoração a ponto de quebrar as tábuas. No mesmo instante, a mulher foi arremessada a uma distância de quase 3,5 metros e ficou prostrada. Presa ao poder místico do Buda com os dois braços levantados, girava como se fosse um pião. Depois de um tempo, ela gritou tão alto que sua voz parecia alcançar as nuvens. Enquanto isso, *ajari* esfregava o *juzu* e prostrava-se diante de Buda. A mulher gritou quatro, cinco vezes e bateu a sua cabeça contra o pilar. Continuava a bater quarenta, cinquenta vezes como se fosse quebrá-la. Depois disso, gritou:

— Por favor, ajudai-me! Por favor, ajudai-me!

Nesse momento, *ajari* levantou sua cabeça e, erguendo-se, virou-se para a mulher ao dizer:

— Eu não consigo entender. Do que se trata tudo isso?

Então, a mulher respondeu:

— Agora eu não tenho mais nada a esconder-vos. Eu sou um Tengu que frequenta a região de Oshirakawa, em Higashiyama. Sempre que estava sobrevoando as habitações dos monges, eu via-vos fazendo práticas ascéticas diligentemente e, como o som de vosso sino *suzu* era muito agradável de ouvir, pensei: “Por que não poderia eu corrompê-lo de alguma forma?”. Então, nestes dois últimos anos, entrei no corpo desta mulher, planejando isso. No entanto, com a força espiritual infalível de uma pessoa tão elevada como vós, acabei sendo amarrado assim. Até agora, estava achando irritante, mas agora não estou mais suportando. Por favor, libertai-me rapidamente. Minhas asas estão completamente quebradas e é muito doloroso. Não consigo mais aguentar. Por favor, ajudai-me.

---

1 Trata-se de Fudō Myōō: um guardião budista.



A mulher falava com lágrimas nos olhos, e *ajari*, voltando-se respeitosamente para Buda e adorando-o também em meios às lágrimas, libertou-a. Então, na mesma hora, a mulher despertou e recuperou a sua consciência. Arrumando seu cabelo desordenado, foi embora sem nada dizer.

Desde então, a mulher não voltou. *Ajari* também passou a se esforçar ainda mais diligentemente nas suas práticas ascéticas, de modo mais especial e humilde. Conta-se que assim foi dito.

Tradução de Fernando Carlos Chamas

出雲寺別當淨覺食父成鯨肉得現報忽死語



# História 21

## Tomo XX / Narrativa 34

### Sobre a morte imediata de Jōgaku, *bettō*<sup>1</sup> do templo de Izumo, como punição terrena por comer a carne de seu pai encarnado num bagre

O agora é passado. Havia o templo de Kamutsu-Izumo<sup>2</sup>. Anos se passaram desde sua construção e, agora, ele estava a ponto de desabar. No entanto, ninguém parava para consertá-lo. Da China<sup>3</sup>, Dengyō-daishi<sup>4</sup> solicitou que fosse escolhida uma região propícia para o estabelecimento do Budismo Daruma<sup>5</sup>, recebendo uma resposta, acompanhada, inclusive, de um desenho com locais para a construção de um templo. Solicitavam seu julgamento na

- 
- 1 Monge responsável pela administração e cuidados dos templos de uma determinada região.
  - 2 Templo que atualmente se encontra abandonado, mas que existia nas imediações do santuário de Kamigoryō (御霊神社), na travessa Kuramaguchi no distrito de Kamigyō em Quioto.
  - 3 Shintan (震旦) no original. Também escrito como (振旦) ou (真丹), sob a mesma leitura. O nome tem origem na forma como os indianos chamavam a China antigamente: Cinasthāna (lido como Chīna-sutāna em japonês). Significa Domínios de Qin (Shin – 秦), uma antiga dinastia chinesa que governou entre 778 e 206 a.C., atravessando o Período das Primaveras e Outonos (722 – 481 a.C.) e o dos Estados Combatentes (±475 – 221 a.C.).
  - 4 Nome póstumo dado pelo Imperador Seiwa (清和) (858 – 876) a Saichō (最澄) (767 – 822), monge budista que viveu durante a Era Heian, conhecido por ser o fundador da escola Tendai do budismo. Daishi é um título honorífico do budismo japonês que significa “grande mestre”.
  - 5 Outro nome para o budismo-zen. Daruma (séc.V-VI) é considerado o seu primeiro patriarca, Bodhidharma (Bodai Daruma 菩提達磨, em japonês).

escolha do local mais apropriado, entre Takao<sup>6</sup>, Hira<sup>7</sup> e a região do templo de Kamutsu-Izumo. Replicou que a região desse templo era excepcionalmente boa, contudo, o monge que lá habitasse haveria de lidar, pois, com sua própria má conduta e, por conta disso, tudo fora cancelado. Desse modo, apesar de ser um local de grande respeito, por algum motivo, o templo Kamutsu-Izumo encontrava-se em ruínas.

O cargo de *bettō* fora sempre delegado ao monge que possuía mulher e filhos, e, recentemente, aquele que veio a ocupar tal posição foi o monge de nome Jōgaku. Ele era filho do *bettō* que lhe precedeu. Certo dia, Jōgaku sonhou com o falecido *bettō*, seu pai. Com uma aparência extremamente decrépita e andando de bengala, ele anunciou:

— Como punição pelo mau uso daquilo que a Buda pertence, fui encarnado no corpo de um bagre, sendo obrigado a morar sob as telhas deste templo num espaço com cerca de um metro<sup>8</sup> de tamanho. Sem ter para onde ir, falta-me água e, fadado a habitar um local estreito e escuro, sofrimento e solidão parecem não conhecer limites para me atormentar. Não obstante, às duas horas da tarde<sup>9</sup> do dia depois de amanhã, um grande vendaval levará ao chão este templo. E caso venha a desabar, mesmo que eu caia e consiga rastejar sobre o solo, as crianças açoiar-me-ão até a morte quando me avistarem. Tu haverás de admoestar as crianças, a fim de não me açoiarem, e deverás levar-me ao rio Katsura, onde poderás lançar-me. Se assim o fizer, serei eu capaz de adentrar um grande lago, podendo, então, sentir-me aliviado ao desfrutar de um espaço mais amplo.

Com a visão desse prenúncio, Jōgaku despertou do sonho. Após isso, ele relatou sua visão à esposa que, por sua vez, limitou-se a dizer:

---

6 Monte Takao (高尾山), localizado na região de Umega Hata no distrito de Ukyō em Quioto. Nela, existe atualmente o templo de Jingo-ji (神護寺).

7 Montanhas Hira (比良山地), localizada na Província de Shiga. Em uma versão similar do conto presente na coletânea *Ujishūimonogatari* (宇治拾遺物語), o monte Hiei (比叡山), localizado na fronteira entre Quioto e Shiga, é citado em seu lugar.

8 3 *shaku* = 90,9cm.

9 Hora do Carneiro (未時), no original.

— Mas que tipo de sonho foi esse?

Quando chegou o dia mencionado, por volta do meio-dia<sup>10</sup>, subitamente, o céu escureceu, cobrindo-se de nuvens, e um forte vendaval se formou. Árvores se partiram e casas foram derrubadas. Diante do rastro de destruição deixado pelo vento, várias pessoas se puseram a reparar suas moradias. Porém, o vento ganhou cada vez mais força, tombando as casas do vilarejo e varrendo campos e montanhas, onde sequer uma árvore fora deixada de pé. Neste ínterim, por volta das duas horas da tarde, o templo foi derrubado pelo vento. As pilastras partiram-se, o topo do telhado cedeu vindo tudo abaixo e, por consequência, vários peixes enormes, que habitavam a água da chuva que se acumulara sobre a madeira do sótão durante todos esses anos, foram lançados ao jardim. As pessoas dos arredores vieram com baldes para tentar apanhá-los, fazendo alvoroço. Dentre os peixes, havia um bagre com quase um metro de tamanho que se punha a rastejar. Nada diferia do sonho.

No entanto, Jōgaku, extremamente ganancioso e cheio de pensamentos errados<sup>11</sup>, sequer se deu ao trabalho de lembrar-se do aviso que recebera por meio do sonho, ficando imediatamente absorto com o tamanho daquele peixe graúdo □<sup>12</sup>. Com um longo cajado de metal, espetou a cabeça do peixe e chamou seu filho mais velho para apanhá-lo. Todavia, vendo que ele não conseguiria erguer o bagre por ser grande demais, com uma foice de cortar grama, abriu uma fenda na altura das guelras, por onde passou um caule de visco<sup>13</sup>, e levou-o para casa. Jōgaku primeiramente

---

10 Hora do Cavalo (午時), no original.

11 Dois dos dez preceitos budistas (*jūzenkai* – 十善戒) são desobedecidos por Jōgaku. Não cobiçar (*fukendon* – 不慳貪) e não falar mal dos tesouros budistas, que também implica em nunca fazer o mal e sempre fazer o bem a todos os seres (*fujaken* – 不邪見).

12 Parte do texto que falta na versão em japonês.

13 Visco (*hoya* – 蔦), no original. Antigamente o visco era conhecido tanto como *hoya* (保夜) quanto *yadorogi* (夜止里木). No entanto, acha-se pouco provável que um visco possa ser utilizado para erguer um peixe de quase um metro de tamanho. Ao invés disso, a hipótese mais aceitável é a de que se trata de uma espécie do gênero *Pueraria*, conhecida como *kuzu* (葛) em japonês (nome científico: *Puerarialobata*, também chamada simplesmente de *pueraria*).



ordenou que as mulheres o ajudassem no transporte do resto dos peixes; elas, então, puseram-nos em baldes e depois os carregaram sobre suas cabeças.

Quando Jōgaku chegou em casa, sua esposa viu o bagre e disse-lhe:

— Este é exatamente o bagre que viste no teu sonho. Por que o mataste?

Nisso, ele então lhe respondeu:

— Daria no mesmo se as crianças o tivessem matado. Pouco importa. Fui eu quem o apanhou, sem a ajuda de ninguém e penso que o falecido *bettō* regozijar-se-ia em poder tornar-se uma bela refeição para as crianças.

Jōgaku cortou o peixe grosseiramente, colocando os pedaços na panela para cozinhar e comeu até se fartar. Em seguida, ele disse a sua esposa:

— Não achas estranho? Este bagre está muito mais gostoso do que outros que já comi. Mas o que será que houve? Talvez por ser a carne de meu pai, parece-me muito mais saborosa. Experimenta este caldo.

E enquanto comia em êxtase, uma grande espinha entalou na garganta de Jōgaku a ponto de fazê-lo vomitar em agonia, mas a espinha não saía, e, então, ele acabou morrendo. Tomada pelo pavor, sua esposa desistiu de comer o bagre. Aquilo só poderia significar uma coisa. Por não ter levado a sério o aviso que recebera em sonho, Jōgaku acabou por receber a punição terrena imediatamente no mesmo dia de seu ato. Faz-nos pensar em qual dos infernos<sup>14</sup> ele caiu e por quais inimagináveis flagelos passa. Conta-se que todo aquele que ouve a história de Jōgaku, sem exceção, passa a desprezá-lo com grande ódio.

Tradução de Luiz Henrique Bozzo Moreira

---

14 Em japonês 悪趣 (*akushu*). Um dos Infernos budistas; equivale ao termo 悪道 (*akudō*), mau caminho da existência. Os mundos do sofrimento para onde são enviados aqueles que cometeram atos malignos; aqui significa um estado de vida ou reino de existência. Os mundos do inferno, espíritos famintos e animais são chamados os três maus caminhos.

清滝河與聖人成慢悔語



# História 22

## Tomo XX / Narrativa 39

### Sobre o arrependimento do monge soberbo dos recônditos do rio Kiyotaki

O agora é passado. Existiu um monge que há muito se entregara às práticas ascéticas, construindo para si um refúgio junto às margens interiores do rio Kiyotaki. Sempre que precisava de água, ele fazia com que seu *suiibyō*<sup>1</sup> fosse imediatamente ao rio, recolhê-la. Após tantos anos, com frequência, ocorria-lhe o seguinte pensamento: “Não existe ninguém como eu”. De certo, era pernicioso que um monge cultivasse em si um pensamento tão soberbo, mas ele não era iluminado e, por essa razão, ignorava a questão.

Naquela época, outro *suiibyō*, com frequência, descia de uma cabana que ficava na parte alta do rio, para buscar água. “Quem mais haveria de viver à margem do rio, recolhendo água?”, o monge, despeitado, pensou, concluindo: “Vou investigar”.

Certa ocasião, como de costume, o *suiibyō* desceu o rio, recolheu a água e partiu. Este monge, ao dar-se conta da direção a qual o *suiibyō* se encaminhava, seguiu-o, subindo o rio, por cerca de seis quilômetros. Chegando ao local, ele não avistou nada além de uma cabana. Ao se aproximar, percebeu que se tratava de uma construção de não mais que seis metros, que possuía, entre outros cômodos, um oratório e um dormitório. A aparência do lugar era de bom gosto. Diante da entrada, havia um pé de

---

1 Uma das dezoito categorias de monges ordenados, os chamados *Bhikkhu*.

tangerinas *tachibana*<sup>2</sup>. Sob a árvore, pegadas sinalizavam que ocorrera recentemente uma cerimônia *gyōdō*<sup>3</sup>. Sob o ofertório, havia diversos pedúnculos empilhados. O musgo crescia sobre o teto da residência e se espalhava pelo jardim. Pareciam ruínas de um passado distante. Aproximando-se lentamente, o monge espiou pela janela e viu, espalhados sobre a mesa de leitura, textos sagrados, entre eles, sutras. Um aroma intenso e persistente de incenso preenchia o interior da cabana. Observando com atenção, ele viu outro monge de aparência venerável, que devia ter uns setenta anos, dormindo apoiado sobre o *kyōsoku*<sup>4</sup> e segurando um *dokko*<sup>5</sup>.

Vendo a cena, o espreitador pensou “Quem será este homem? Vou averiguar” e, aproximando-se em silêncio, entou discretamente o mantra *Kakai no ju*<sup>6</sup>. Ainda dormindo, o venerável monge da cabana sacudiu a vara *sanjō*<sup>7</sup>, lançando água perfumada em todas as direções. Assim que o perfume atingiu o monge da parte baixa do rio, suas roupas começaram a pegar fogo, até não sobrar nada. Naquele instante, ele berrou, atordoado. Ardendo em chamas, ele correu para o jardim, rolando pelo chão. O monge dono da cabana, então, despertou do sono e, ao abrir os olhos e ver o que ocorria, pôs-se a espalhar, novamente, com o *sanjō*, o perfume sobre a cabeça do monge em chamas. Imediatamente, o fogo cessou.

---

2 Variedade *citrus tachibana*.

3 Trata-se de uma cerimônia dedicada a Buda, em que monges, homens e mulheres, caminham, em fileira, ao redor de uma árvore, enquanto entoam sutras.

4 Suporte que serve como descanso para o antebraço.

5 Em japonês contemporâneo, diz-se *dokko* e em sânscrito, *varja*. Trata-se de um cetro curto, de um único dente em cada extremidade. A ferramenta simboliza a luz do trovão e a resistência do diamante, em alusão à indestrutibilidade e à iluminação do espírito.

6 Literalmente ‘mantra do reino de fogo’, presente na doutrina Shingon.

7 Vara utilizada em cerimônias budistas para espalhar o aroma do incenso.



O dono da cabana, aproximando-se, disse:

— Como foi a experiência de aqui ter vindo, meu nobre monge?

O monge da parte baixa do rio respondeu:

— Sou um eremita vivendo retirado na morada que construí nas redondezas do Rio Yoshino há muitos anos. Todavia, eu sempre observei, com desconfiança, o *suibyō* vindo da parte alta do rio recolher água e pensei “que tipo de pessoa seria ele?”. Assim, decidi vir investigar. Observando-vos, decidi que vos testaria e lancei mão de um feitiço, mas acabei sofrendo grandemente e, por isso, com todo respeito, temo muitíssimo voltar. Agora, desejo tornar-me um noviço e servir-vos.

O monge dono da cabana respondeu:

— Muito bem — e olhando para o monge da parte baixa do rio, concluiu que não era alguém com quem devesse se preocupar.

— Como não sou um monge iluminado, cultivei soberba em meu coração. Buda estaria desgostoso comigo. Mas, por outro lado, conheci um santo monge que em muito me superou — lamentou-se o monge da parte baixa do rio, partindo de volta para sua morada.

E é assim que se conta, para que as pessoas, quando se julgarem sábias, cuidem em não cultivar a soberba.

Tradução de Thiago Cosme de Abreu



## GLOSSÁRIO

<b>Termo ou expressão como está no texto</b>	<b>Termo em sânscrito</b>	<b>Termos em japoneses: <i>kanji e (rōmaji)</i></b>	<b>Explicação</b>
Amida	Amitābha	阿弥陀 ( <i>Amida</i> )	Buda da era anterior. Buda Amida Nyorai
Bosatsu	Bodhisattva	菩薩 ( <i>Bosatsu</i> )	Seres próximos ao estado de Buda.
Hōkekyō ou Hokkekyō ou Hokekyō ou Myōhō Renge-kyō	Saddharmapuṇḍarīka-sūtra	法華經/法花經/妙法蓮華經 (Hokkekyō/Myōhō Renge-kyō)	É a escritura sagrada mais influente do budismo. O Sutra da Flor de Lótus também é conhecido por suas abreviações tanto em japonês – Hokkekyō – como em português – Sutra de Lótus.
Kannon / Kannon Bosatsu / Kannonsama	Avalokitesvara (bodhisattva)	觀音菩薩 (Kannnon Bosatsu)	O bosatsu da compaixão
Nyorai	Tathāgata	如来 ( <i>Nyorai</i> )	Aquele que concluiu os aprimoramentos e alcançou a sabedoria.
Serviço cerimonial	pūjanā	供養 ( <i>kuyō</i> )	Serviços cerimoniais realizados ao espírito de uma pessoa falecida. Orar pela sua paz ou oferecer-lhe algo.
Yakushi	Bhaisajya-guru	藥師 ( <i>Yakushi</i> )	Buda da cura e da medicina. Principal divindade reverenciada no templo Enryaku-ji.